



ASSEMBLÉIA GERAL RENOVOU OS PROPÓSITOS DO COOPERATIVISMO



A
Assembléia
Geral
Ordinária
referendou
os atos da
administração
da COTRIJUI.
Reflexos desse
passo
cooperativista,
nas páginas
14, 15 e 16.

COOPERATIVISMO PRECISA CRESCER Pág. 3

LEITE, OPÇÃO DE DIVERSIFICAÇÃO Págs. 4, 5, 6 e 7

RENOVADO CONVÊNIO COTRIJUI/UNIMED Última página

EROSÃO E ADUBAÇÃO FOLIAR Págs. 25 e 26

TEXTO PARA LEITURA E REFLEXÃO Pág. 10



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva, - Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarrello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amairy Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Bruno Eisele, Antonio Cândido da Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Cláudio Kohler, Leonides Dallabrida, Telmo Roverno Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuriçaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 16.500 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS

TELEFONE: 2066 e PBX

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcellos

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

UMA AMIGA BRASILEIRA ESCRÊVE DE ISRAEL

Correspondência da brasileira Sara Corrogosky, residente em Israel, comunica que foi paciente de delicada intervenção cirúrgica no Hospital Soroka, da cidade de Beer Sheva, onde se submeteu a quatro operações no Departamento de Olhos do referido hospital, no período de duas semanas.

A par de agradecer a COTRIJUI em geral e o COTRIJORNAL em particular pela remessa do jornal, "que me coloca o Brasil diante dos olhos a cada nova edição", Sara Corrogosky comunica-nos que foi graças a capacidade científica dos médicos e a dedicação e carinho que lhe foi dispensada pelo pessoal técnico do hospital, que teve em grande parte recuperada a visão.

Sara Corrogosky solicitou que registrassemos os nomes dos médicos que constituíram a equipe do Hospital Soroka, que foram os seguintes especialistas: dr. Uri Zacs, chefe do Departamento; Gabriela Frish, Tova Monos, Ludwig Fridman, Alexandre Grotsky, Ihiel Mer, Mira Marcus, Shani Ludmilla, Iacov Rasiel, Carlos Blanch, Sharon Lubash e Akiva Shoam, e as enfermeiras e auxiliares Beatriz Dembowsky, Mary Cohen e Susan Danino.

Nós do COTRIJORNAL, que sabemos ter uma amiga excepcional naquele País, onde residem muitos brasileiros, desejamos seu total restabelecimento da saúde e muita felicidade, transmitindo também os nossos parabéns à eficiente equipe médica.

GAÚCHO SAUDOSO NA CAPITAL DA BÉLGICA

Sr. Editor.

Desde minha chegada à Bélgica, onde sigo curso de Pós-graduação, tenho tido a alegria de receber regularmente o Cotrijornal, o qual eu já tinha o prazer de ler também no Brasil.

Sua leitura agradável me traz o sentimento - e a saudade - da nossa terra, além de significar um momento de trégua na dureza dos estudos diários, e na vida em um país que, como muitos de seus vizinhos, não sabe realmente receber estrangeiros como só o coração aberto de um gaúcho - e de todos brasileiros - saberia fazer.

Paralelamente, é com orgulho que tenho mostrado o "nosso" jornal a todos amigos e colegas estrangeiros, explicando-lhes a força de uma empresa que pode publicar um jornal desse nível, não abandonando nem mesmo seus leitores no exterior.

Nesta oportunidade comunico também minha mudança de endereço, de Heverlee (Louvain)

para a capital Bruxelas.

Receba meus melhores agradecimentos e votos de sucesso renovado.

Atenciosamente,
Eng^o Agr^o Luiz Paulo Martini
Santos, 50, rue Jean Robie
1060 Bruxelles/BÉLGICA

DE OREGON E SALVADOR PARA PALEGRE E VIÇOSA

Benigno Rotta nos envia correspondência agradecendo remessa do COTRIJORNAL para o Estado de Oregon (EUA), e comunicando novo endereço: Gal. Lima e Silva, 239 - apto. 2 - 90.000. Porto Alegre - RS; Luiz Augusto G. Moraes deixou a boa terra e agora receberá nossa publicação à rua Feijó Bherine, apto. 11 - ed. Vilma. Viçosa - MG.

JORNACOOOP COM NOVO ENDEREÇO

Prezado redator-responsável:

Encaminhamos para o conhecimento dos amigos o BOLETIM, órgão de divulgação de nossa cooperativa e folheto apresentando os serviços que estamos aptos a prestar.

É com satisfação que mostramos aos colegas da área de jornalismo o quanto se pode com vistas à abertura de mercado de trabalho, melhor nível salarial e mesmo a evolução social da classe. Agradeceríamos o interesse dos colegas do COTRIJORNAL na troca de publicações e mesmo de serviços. Ficamos à disposição para uma visita à nossa sede.

Atenciosamente,
Marcelo Di Renzo
Diretor Secretário

Cooperativa dos Jornalistas de Santos Ltda. - JORNACOOOP
Av. Senador Feijó, 144 - sala 12
11.100 - SANTOS - SP

N. da Redação: Agradecemos pelo BOLETIM e nos colocamos ao inteiro dispor da JORNACOOOP para troca de idéias e publicações. Para efeito de recebimento do COTRIJORNAL, o endereço já foi atualizado.

COTRIJUI EM SÃO PAULO

Editor do COTRIJORNAL
Cordiais Saudações.

Muito satisfeitos, tomamos a liberdade de informar este colega e prezado amigo, nossas novas atividades no escritório da COTRIJUI em São Paulo.

Seria motivo de alegria sua visita quando de uma passada nesta capital. Estamos organizando nosso trabalho, no sentido de bem representar nossa COTRIJUI, bem como atender nossos diretores, gerentes, assessores, associados, colegas, visando sempre o melhor serviço possível.

O escritório da COTRIJUI está localizado à Avenida Vieira

de Carvalho, 141 - 2º andar, conj. 28 (entre a Praça da República e Largo do Arouche), com os telefones: 220-8291/8422/8082 e 220-8606.

Estamos certos que seremos distinguidos com a atenção costumeira, e reiteramos nossos protestos de consideração, subcrevendo-nos,

Atenciosamente
Sérgio Wickert

COOPAVEL TEM NOVA DIRETORIA

Amigos redatores: Temos a satisfação de comunicar a composição da diretoria da Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda. - COOPAVEL, eleita em Assembleia Geral Ordinária. Presidente - Roberto Wypych; vice-presidente, Luiz Bosquirolli; secretário, Milton Pedro Lago; diretores efetivos: Antônio Osvaldo Dillenburg, Danilo Domingos Scangatta e Horst Jurgen Riepenhoff; diretores suplentes: Darlei José Dall'Apria, Romildo Germano Hoeff e Ari Luiz Marcolin; Conselheiros Fiscais - Fernando Ribeiro de Miranda, Mauricio Teixeira Barros e Pedro Capeletto; suplentes do Conselho Fiscal - João Bibiano, Décio Dallabrida e Mário Sibim.

Saudações cooperativistas
Roberto Wypych
Presidente

PEDIDOS ATENDIDOS

Recebemos correspondência das seguintes pessoas, que

assim passam a integrar o rol de leitores do COTRIJORNAL: Osvaldo Junqueira Vaz, cx. postal, 701.38400 - Uberlândia - MG; Braulio Krieger (eng^o agr^o), cx. postal, 106.97670 - São Borja - RS; Rosvaldo Oliveira Silva, escritório da EMATER - Caetitê - BA; Vera Lúcia Leal, rua Gervásio Alves Pereira, 133, Pelotas - RS; Glaci Rockembach, EMPASC. - cx. postal, 151.89.800 - Chapecó - SC; Cezar Camilo Pelzer, cx. postal, 275.69.300 - Boa Vista - RR; Carlos Mostardeiro da Silva, Av. Duque de Caxias - 392, Pelotas - RS; dr. J. Resende R. de Oliveira Praça João Tostes n^o 72.36100 - Juiz de Fora - MG; José Henrique Warth, rua 7 de Setembro, 1866. Uruguaiana - RS; Francisco Fanfa Andrade, rua Fermino Osório n^o 1177 - Benito Barbosa Isolana, Instituto de Educação Rural - Nery Knach - Miguel Marques Gomes, rua Lobo da Costa n^o 1071 - Renato Saraiva Banco do Brasil - Oscar Pacheco Geyer, Instituto de Educação Rural - Rui Antônio Pasquoto, rua Machado de Assis n^o 715 e Renato Marques Gomes. Cooperativa Rizicola Osociense Ltda. todos do município de Osório, RS; José Samuel Bassani, rua David Canabarro n^o 382, Tramandaí - RS; Vera Lúcia Brum Pinto, rua Propício Menna n^o 887, São Gabriel, RS; Neila Terezinha Pescador, av. Amazonas n^o 1010, apto. 21, Bairro São João - Porto Alegre - RS.

**MORTE AO PULGÃO
VIVA DIMECRON**

em cada pedaço de terra um amigo

CIBA-GEIGY

O EXEMPLO NORTE AMERICANO: COOPERATIVISMO É A DEMOCRACIA EM MARCHA

No período mais negro da depressão econômica que procedeu o "crack" da Bolsa nos Estados Unidos, o presidente Franklin Delano Roosevelt chegou a pensar em desacelerar a construção do sistema montado para recuperar o Vale do Tennessee. A "Tennessee Valley Authority", que ficou popularizada sob a sigla TVA, foi um gigantesco sistema cooperativo criado pelo governo lúcido de Roosevelt, para recuperar a falida economia de "Wall Street", ferida de morte desde 1930.

Por volta de 1933 e 1934, a situação do País não podia ser mais dramática. Chegou um momento que ao presidente pareceu não restar outra alternativa senão suspender os recursos carregados para a grande obra. Roosevelt, que tinha plena consciência da gigantesca potencialidade da TVA, chegou a pensar por um momento que o País não sobreviveria como nação independente à fabulosa locação de recursos implantada na construção do sistema.

Mas foi exatamente quando o presidente vivia seu momento mais dramático de decisão, quando chegou a esboçar o gesto conclusivo de mando para suspender a obra, que surgiram dos gabinetes ministeriais as ponderações e os argumentos sensatos dos assessores e técnicos governamentais, para que, sob qualquer hipótese, passasse a TVA. A TVA era a obra do século, o símbolo do próprio desenvolvimento norte-americano e da democracia dinâmica tão prestigiada pelo povo dos Estados Unidos, reafirmavam os assessores do presidente.

As páginas 14, 15 e 16 desta edição estamos publicando reportagem que recorda a assembleia geral ordinária da COTRIJUI, a 30 de maio. Com a referida notícia, a íntegra do Relatório da Diretoria lido na oportunidade pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, onde é possível constatar não só o crescimento da cooperativa em seus diversos níveis sócio-econômicos mas principalmente a série de áreas de atuação da mesma, cada vez mais transformada em empresa de múltiplas atividades.

Essa estampa sócio-econômica da COTRIJUI, em nosso ver, retrata a expansão do cooperativismo como um todo, a nível nacional, comprovando por extensão a eficiência do sistema para o desenvolvimento global da economia nacional. Basta dizer que na área em que mais se desenvolveram as cooperativas brasileiras (área de produção), elas são responsáveis hoje por 80 por cento da soja produzida no País; 90 por cento da lã; 51 por cento da carne; 90 por cento do trigo; 52 por cento do leite, e controlando ainda 72 por cento do leite in natura distribuído nas grandes cidades brasileiras, isso, segundo números estatísticos de meados de março deste ano.

Mas se atentarmos para a COTRIJUI, segundo é fácil de constatar pelo Relatório da Diretoria, pode-se ver a variedade de desempenho da cooperativa nas diversas atividades empresariais. Em escala de produção, assistência técnica ou prestação de serviços, a COTRIJUI atua presentemente nas mais diversas atividades. Sem dúvida, o fato espelha uma realidade já bastante comum e em grau bem mais avantajado nos países de maior desenvolvimento da Europa e Es-

Com o andamento do projeto TVA, as bacias do Missouri, Tennessee, Ohio, entre outros importantes sistemas viários do sul do país, estavam sendo recuperadas economicamente, e de maneira a mais racional possível, que era o sistema cooperativo. No princípio da década de 1950, já no governo do presidente Eisenhower, o sistema compreendido pela TVA produzia 10 vezes o valor de seu custo total.

A experiência vivida pelos Estados Unidos durante o período mais difícil de sua vida econômica nos veio a lembrança no momento que a inflação brasileira leva muitas pessoas chegadas ao governo a se manifestarem contra o cooperativismo e, não raro, contra a própria agricultura.

O argumento a respeito da ação inflacionária da produção agropecuária que de quando em vez é proferido por pessoas detentoras de cargos públicos, tem objetivos excusos. Não deve o governo brasileiro deixar-se levar por tais assertivas, que a curto prazo redundarão altamente lesivas ao nosso País. Achamos que qualquer argumento que tenha como fim diminuir o ritmo desenvolvimentista do cooperativismo deve merecer o não do governo. Governo que, em alguns setores vitais de sua administração, está necessitando de assessores do porte daqueles que teve Franklin Delano Roosevelt, na década dos anos 30 nos Estados Unidos. Eles souberam dizer ao presidente que tudo devia ser proporcionado ao cooperativismo da TVA, pois o cooperativismo simboliza a democracia em marcha.

O COOPERATIVISMO É UM ESCUDO CONTRA O CAPITALISMO CLÁSSICO

tados Unidos.

Se, conforme demonstramos no comentário anterior em relação aos Estados Unidos, onde o cooperativismo é considerado a democracia em marcha, achamos que a COTRIJUI segue esse bom caminho. Há, no centro do País, quem fale em modelo gaúcho. E, sem dúvida, a COTRIJUI tem grande participação nessa evolução do sistema.

O governo está ciente disso. O interesse oficial pelo cooperativismo tem sido comprovado nas diversas oportunidades em que tem intervindo financeira ou tecnicamente.

Mas é forçoso reconhecer, no entanto, que embora a expansão do sistema no Brasil compo-nha um quadro alvissareiro, seu desenvolvimento ainda está muito distante das nações em que sua organização atingiu os maiores índices. Sem dúvida, ainda precisamos andar muito nesse setor para a conquista de um melhor posicionamento econômico.

No Brasil, um milhão e 300 mil cooperados representam 1,3% da população. Na França, o número de pessoas associadas a cooperativas representa 20% da população total; na Inglaterra, 30% e na Suécia este índice chega a 60% da população nacional. Como se vê, nossa posição é ainda insignificante. E precisamos nos conscientizar disso.

O País só se desenvolverá em ritmo crescente e constante quando nossa economia estruturar-se através da soma do trabalho dos produtores. Somente aí teremos infra-estrutura capaz para suportar os revezes da concorrência da mercância livre, imposta pelo capitalismo clássico.

LEITE, A OPÇÃO SEGURA DA DIVERSIFICAÇÃO

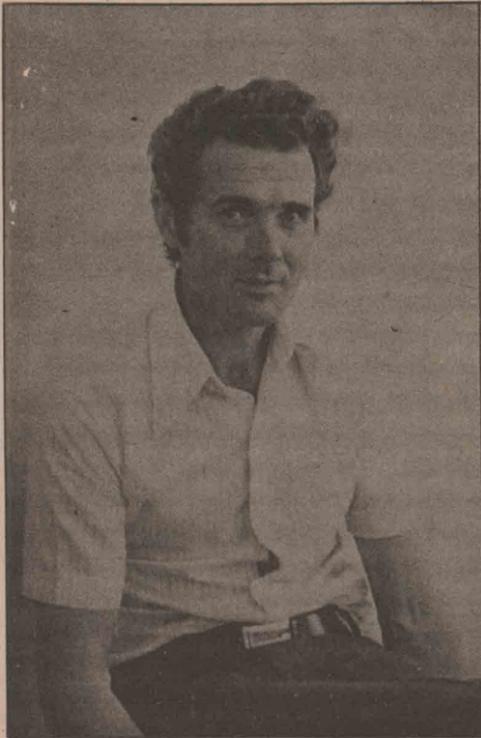
A COTRIJUI, como cooperativa singular, se juntou a diversas co-irmãs e dessa soma de esforços resultou a Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Hoje, a CCGL está estruturada e dá mostras de que ao optarem pela produção de leite num processo global de diversificação, os cooperativistas do Rio Grande do Sul estavam escolhendo uma das alternativas mais sólidas, capaz de compensar a instabilidade econômica decorrente do binômio trigo-soja. Nossa Central de Leite vai operar oficialmente em sua usina própria em breve, localizada no município de Ijuí. Para chegar até aqui foi necessário muito debate. E a busca do caminho mais certo sempre teve como alvo central o produtor e a sua relação direta com o consumidor, nunca se afastando dos princípios cooperativistas. Nessa mesa redonda, a opinião de quem percorreu o caminho da opção pelo leite como fonte de renda e meio de produzir alimento. Participaram dos debates, Lino Carlos Dallabrida e Siegfried Neumann, de Ajuricaba; Ricardo Bazzana e Hubert Adalbert Drews, ambos de Augusto Pestana; Hélio Grenzel de Alto da União em Ijuí; o técnico rural Wilmar Hendges, o médico veterinário Otaliz de Vargas Montardo e Santo Dezordi, todos da COTRIJUI.



Presidente da CCGL:
**LEITE DÁ NO
MÍNIMO O
SUSTENTO
DA FAMÍLIA**



A opinião de Frederico Gunar Dürr, presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Leite sobre a diversificação de culturas nas regiões onde tradicionalmente se cultivava trigo e soja, foi dada a conhecer recentemente em mesa-redonda realizada pela editoria do jornal Zero Hora. Dürr afirmou que "na região das Missões e Planalto Médio, nós sentimos que a riqueza da terra dos ricos (trigo e soja) era utópica. A soja e o trigo não conduziram a uma capitalização do produtor. Pelo contrário, até deixaram a economia muito instável. Nós sabemos que o trigo teve uma frustração, quase que normal, em todos os últimos anos. A soja, na verdade, ainda tem sustentado a economia dessas regiões. Então, quando tudo vai bem, o produtor fatura duas vezes por ano: uma vez quando colhe o trigo e a outra quando colhe a soja. São situações não muito estáveis. Por isso, as cooperativas de grãos dessas regiões resolveram incentivar entre os produtores a diversificação. O leite é talvez a principal alternativa dentro desta diversificação. Justamente porque traz no mínimo um faturamento mensal. Claro, não é um produto para se fazer fortuna de uma hora para outra, mas dá uma estabilidade ao produtor. Com o leite, ele pode aguardar a venda da soja para uma época adequada. Nessas regiões os produtores estão vendendo sua produção de soja já em dezembro quando vão colher em fevereiro ou março. E acabam vendendo mal a produção. Com o leite o produtor pode, no mínimo, sustentar sua família e manter o estabelecimento".



Siegfried Neumann

COTRIJORNAL — A produção de leite constitui um fator de estabilidade econômica para a família (propriedade) ou é efetivamente uma fonte de renda?

Bazzana — Já não é apenas um ramo em que a gente está começando. Já se constitui numa fonte de renda, porque o nosso produto agrícola vem falhando. Então isto aqui vem substituir em parte.

Neumann — Eu entendo que é uma renda familiar, de casa, que quebra mais galho dentro da cozinha. Daí não precisa o associado chegar no fim do mês na cooperativa e dizer: "ôlha, me falta mil cruzeiros para fazer o rancho ou comprar isso e aquilo". Com o leite a gente defende esse dinheiro.

Grenznel — A gente pode utilizar o dinheiro do leite para isso, mas eu acho que se o produtor organizar bem ele vai obter uma boa fonte de renda, além de mais segura.

COTRIJORNAL — Na nossa região, caracteristicamente de trigo e soja, compensa produzir leite como opção de diversificação? O agricultor partiu para a pecuária de leite só porque trigo e soja são instáveis, ou reconhece no leite uma sustentação para a economia familiar?

Grenznel — Em primeiro lugar, eu acho que o pequeno agricultor tem que partir para o leite ou alguma outra atividade, porque com 25 ha de trigo e soja não se faz nada. Já em gado leiteiro, ele pode fazer um grande movimento por ano.

Dallabrida — Eu por exemplo, parti para a produção de leite devido a família ser grande e a terra pouca para a mão de obra de casa. Ajuda no sustento.

Neumann — Eu comecei recém esse mês, a vender leite. Mas há 15

anos produzimos queijo em casa. Só que a patroa sempre falava que a gente devia vender o produto. Acho que é uma fonte de renda, principalmente agora com a inseminação artificial e as possibilidades que a gente tem de renovar o plantel.

Bazzana — O leite é importante para nossa região, pelo seguinte. Nós ficando só no trigo e soja, onde falhou como vem falhando, então estamos frustrados completamente também. Aplicando esse ramo junto (leite), não deixando a lavoura, vamos cuidar bem desse setor também porque vamos colocar gente para cuidar do gado, instalações, ordenha. Então temos duas fontes de renda, ou três. Onde uma falha, temos outra. E é esse o recurso da zona rural: ter porco, vaca e plantação. Esse é o verdadeiro colono.

COTRIJORNAL — Entre manter o rebanho, custo de mão de obra, instalações, etc., que média de produção leite/dia deve ser alcançada para viabilizar a pecuária leiteira economicamente?

Drews — Eu planto 29 ha, maioria trigo e soja, como disse o Bazzana. Comecei no leite em junho deste ano, porque as safras de trigo e soja foram ruins. Com três vacas, ainda não tenho base sobre que produção se deve atingir para ter lucro.

Otaliz — A rigor, não se poderia responder essa pergunta, porque na região não existe um trabalho já feito nesse sentido. E tanto não existem esses dados, que a cooperativa firmou um convênio com a Faculdade de Agronomia de Porto Alegre, para se estudar uma série de cinco sistemas de produção leiteira, analisando por um lado a produção de leite por forrageiras, e por outro os custos de produção. Em termos gerais, no entanto, para viabilizar a produção de leite na propriedade, se essa propriedade for bem estruturada, a viabilização se daria a partir dos 50 litros/dia. Já numa propriedade razoavelmente tecnificada, de pequeno rebanho e onde não se tenha equipamentos modernos, mas que se use o trabalho da família, com produções inferiores a 50 litros acredito que já dê bom rendimento. Mas afirmar quantos litros são necessários, só no futuro. E insistimos sempre que em produção leiteira, o interessante é o volume. O que podemos aumentar é a produtividade, baixando os custos da produção. Quanto aos preços, pouco ou nada podemos fazer.

COTRIJORNAL — O dr. Otaliz falou em preço. Os preços atuais pagos ao produtor, são compensadores?

Bazzana — No momento ele ainda está bastante baixo. Mas é como disse o veterinário. Vamos aumentar

a produção para ter mais renda.

Dallabrida — Também acho que o preço é pouco ainda. Faz quatro anos que comecei a vender leite, e naquele tempo pagavam setecentos réis (Cr\$ 0,70) o litro. Hoje estamos ganhando dois e setenta. O leite traz um pouquinho de lucro porque com o aumento da produção que consegui, baixou o custo do frete. Mas o preço é baixo.

Drews — Eu acho baixo o preço. Todo o trato que a gente compra é caro. Quem tem um plantel mais ou menos, quatro ou cinco vacas, já tem uma conta elevada cada mês.

Otaliz — Eu complementaria o seguinte. Sempre houve — e sempre vai haver — queixa do produtor em relação ao preço do leite. Dentro de uma comunidade — um país no caso — não se pode de maneira nenhuma, não se deve pelo menos, analisar o preço em função de um determinado ponto de vista. O produtor, evidentemente, teria interesse em que o preço do leite fosse bem mais elevado. Do lado do consumidor, lembrando que uma grande percentagem da população brasileira vive às custas do salário mínimo, a elevação por reduzida que seja no preço do leite já traz problemas sociais sérios. Então me parece que os órgãos governamentais que definem a política de preços têm buscado compatibilizar os interesses dos dois lados, o que não é fácil. Daí, se formos comparar os índices de produtividade atuais, os custos de produção com o preço do leite, eu diria que realmente o preço não é compensador. Ao lado disso, sabemos que muitas vacas leiteiras deixam de produzir de quatro a oito meses, quando tecnicamente se sabe que a vaca deverá passar fora de lactação no máximo três a quatro meses. Também, se pretendermos produzir leite à base de concentrados como falou o Drews, aí a pecuária de leite se inviabiliza. Temos que partir para um tipo de exploração em que a alimentação seja produzida na propriedade. Caso válido e já citado nesse debate, é que o aumento da produção foi proporcional à redução do frete. Então o preço melhora.

COTRIJORNAL — Pela assistência técnica ao rebanho, orientação nas instalações e a nível de economia doméstica, etc., compensa produzir cooperadamente? Há diferença entre entregar o leite para o intermediário e para a cooperativa?

Grenznel — Há diferença, sim, pelo seguinte. Antes a gente entregava numa firma e não recebia assistência técnica. Hoje temos, mas ainda deixa a desejar. A cooperativa pode melhorar a assistência, principalmente na área de forrageiras e técnicos

agrícolas. A parte veterinária está quase boa. Outro problema é o atraso no pagamento. Esses dias cheguei na cooperativa e os 'caras' nem sabiam se iam pagar o leite esse mês ou não. Isto, a meu ver, depende da cooperativa, e não do produtor.

Bazzana — Eu acho que melhorou bem quando passou para a cooperativa. Pelo menos temos assistência direta, não total, mas melhorou muito. Pelo menos para nós. O que não vai bem é a coleta. Esses fatores chuva, estrada, acho que um dia vamos resolver.

Neumann — O Bazzana falou em coleta. Eu acho que não é só a cooperativa que vai melhorar a coleta. Ela tem uma região grande. Então depende também dos prefeitos para melhorar as estradas, porque não existe caminhão que não atrase na coleta, quando chove e a estrada é ruim.

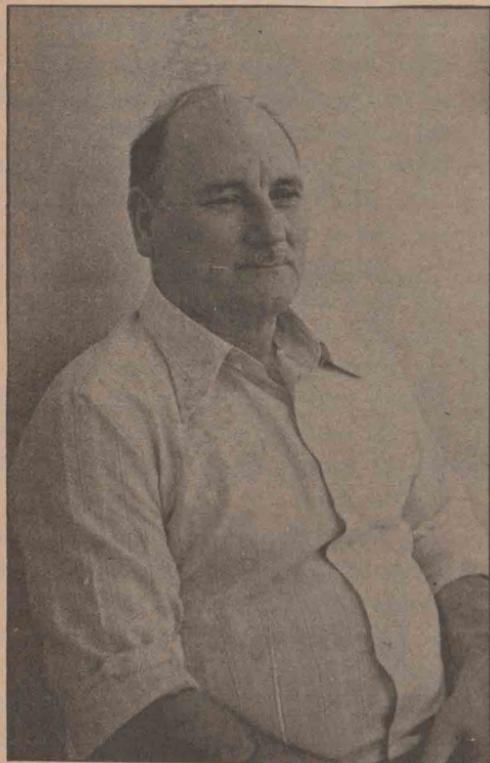
Dallabrida — Quanto ao preço, a mudança para a cooperativa parecia ser quase mais ruim. Eu não sei quais os motivos. O preço limpo que nós conseguia antes, eu alcancei só agora na última nota da cooperativa.

Neumann — Quanto à assistência, eu nunca me queixei. Depende muito da gente mesmo procurar o veterinário. Tenho me servido dos serviços de inseminação artificial oferecidos pela cooperativa, com bons resultados.

Drews — Nunca tive queixas quanto à assistência. Sempre tive bom atendimento da cooperativa. O que acho é que os caminhões que fazem a coleta ficam parado bastante tempo no sol. Se ficasse numa garagem, diminuía o problema da acidez. Quanto ao pagamento, ainda está um pouco atrasado. Até o dia 10 de cada mês seria bom. A gente sempre conta



Hélio Grenznel



Ricardo Bazzana

com esse dinheirinho.

Bazzana — P'ra mim está muito melhor agora que entrego para a cooperativa. Antes, atrasava até três meses. Não que vá torcer a favor da cooperativa, mas acho que devemos falar o que é a realidade. A cooperativa não vai poder arrumar todas essas notas dentro de oito, dez dias, temos que reconhecer.

Dezordi — Acho que houve no início, quando a CCGL assumiu a CAFRASA, uma expectativa de parte dos produtores de que ia ser bem melhor quando a cooperativa iniciasse o trabalho. Mas aí se somaram os problemas já existentes de recebimento aos que apareceram porque nós da cooperativa entendíamos pouco de leite. Então a iniciativa tomada foi procurar encontrar soluções próprias, uma saída para o nosso problema. Até certo ponto acredito que conseguimos. Talvez o produtor ainda não se dê por satisfeito, mas não podemos ser imediatistas. A longa estiação atrapalhou, tirando em parte as condições ideais para o desenvolvimento efetivo do programa leiteiro. Com isso, não queremos prometer que com a chegada da chuva tudo vá melhorar, mas a pouco e pouco o associado vai ver o que a cooperativa vem fazendo. Outro aspecto, voltando a uma pergunta antes feita pelo repórter. Acho que não só a instabilidade do trigo e soja levaram o produtor a optar por outras fontes, como o leite. É que ele está retornando às origens, pois começou de maneira diversificada. Com relação às linhas de coleta, o que causa transtornos é que os caminhões devem percorrer estradas vicinais, de produtor à produtor. Até agora ainda não houve condições de fazer empedramento em todas essas estradas, quase que a nível de

propriedade. É o caso da linha de Alto da União, praticamente a nível de estradas de propriedade. A melhora da coleta dependerá muito do produtor, que ao aumentar a produção reduzirá o tamanho da linha. No caso de Ijuí, demarcamos no mapa do município todas as estradas cuja situação de trafegabilidade não seja boa. Encaminhamos esse levantamento ao setor competente da prefeitura e acreditamos que as providências sejam tomadas.

COTRIJORNAL — Por ser uma frente nova do cooperativismo gaúcho, a produção de leite procura se adaptar às condições de cada região. Isso já foi dito pelo Santo Dezordi e anteriormente pelo dr. Otaliz. Os produtores acham que o sistema de coleta empregado pela COTRIJUI é bom? Que sugestões teriam para acrescentar.

Bazzana — Ela no momento, está sendo feita como já foi falado aqui, em precárias condições. Mas de certo a cooperativa sugere, vamos ter que botar uma linha nas estradas principais, com caminhão grande, naturalmente, e a coleta nas estradas vicinais tem que ser carro pequeno, senão não dá.

Dallabrida — Então tem que ter aquela via que transmite para aquele caminhão e o caminhão traz direto para Ijuí, é a solução que tem, que eu acho. Porém deve ser estudado. Mas acho que é isto aí, porque esse negócio de entrar caminhão pesado nas estradas vicinais não dá mesmo. Tem que ser carro pequeno. Com o aumento de produção, acho que o viável é isto aí. Acho que não tem outra solução no momento.

Grenzel — Eu, pela coleta acho que não teria diferença. Só no horário da coleta, eu acho que a família se torna quase escrava, para arrumarem esse leite, de manhã ou sempre de noite, e se a gente quer ter uma produção meia alta, aí tinha que ser um horário que não sacrifique a família, o trabalhador. Agora, isto muda desde que a produção seja maior, porque lá em casa era também deste jeito, quando eu tinha baixa produção, então eu tinha que levantar as quatro da madrugada para tirar o leite, para entregar. Agora já tenho um pouquinho mais, então ele passa lá as nove, nove e pouco, e em função de coleta ao menos lá em casa nunca deu problema, desde a Cafrasa. Quando aumentou a produção lá não deu mais problema de coleta. Inclusive estou entregando individual, agora. Acho eu pela minha parte que é bom mesmo.

COTRIJORNAL — Qual é a sua produção diária em Ijuí?

Grenzel - Agora, está na base de

80 a 100 litros. Sempre sai para os terneiros um pouco, e o resto a gente entrega. Pois meu grande interesse sempre foi criar bem o terneiro primeiro, depois vem a venda. Porque pra criar uma boa vaca leiteira, tem que criar bem o terneiro, senão não adianta.

Acho eu que depois que o cara tem uma média boa de leite, esse problema vai ser resolvido por si mesmo, não vai vim as quatro e meia, cinco horas da madrugada.

Dallabrida — Agora pra mim sempre surgiu isto, desde o início, com seis litros. Hoje já estou com cem, e estou sempre nesse caminho.

Neumann — Pra tirar tanto leite, além que ele é tirado com máquina já. Mas é sempre o limite, e além de tudo a gente não tem luz, todos esses problemas já..., principalmente em dias frios. Já no verão o problema não ocorre, só tirar o leite à noite. Assim, aumentou a produção mas o horário sempre foi, como se diz, tornou o trabalhador escravo.

Dallabrida — Isto, parte da região.

Neumann — É um lugar meio retirado. Quer dizer que lá, de momento estou meio sozinho naquele fundo, mas já tem outros mais adiante na mesma linha. Pra complementar, eu acharia que esse negócio de coleta sempre vai ser um primeiro e o outro último. Se eles começam as seis horas ou as sete horas, a coleta do leite, tem que chegar no primeiro as seis, as sete horas, e se eles param as nove horas, o último é as nove horas. Isso aí eu acho que não muda, eles podem virar de avesso, de frente, sempre fica o mesmo. Um tem que começar cedo.

Otaliz — Só pra complementar esse assunto das vias de coleta, realmente a gente reconhece que é um dos problemas mais difíceis de solucionar. A solução desse problema depende fundamentalmente do aumento da produção, porque se hoje a coleta é demorada e por ser demorada ela começa em algumas regiões alta madrugada, ainda é porque em termos gerais o freteiro principalmente aceita uma linha de coleta a partir do momento em que ele possa carregar uma média de 800 a 1000 litros de leite por dia. Hoje, para se coletar 1000 litros por dia tem que se percorrer uma média de 90 a 100 propriedades. Agora, no momento em que nós conseguimos pegar 1000 litros de leite em 40 propriedades a linha será partida ao meio, então ele poderá começar mais tarde e fazer a coleta bem mais rápido. O fundamental é aumentar a produção, não adianta um proprietário aumentar, é

a região. Se na região do Dallabrida, tivesse por exemplo mais uns quatro produtores do seu nível, seguramente a linha teria que ser cortada para pegar o leite daquela região. Isso é um problema mais de conscientização da região, para melhorarmos, para resolvermos o problema de linha de coleta e aumentar a produção. Se nós chegarmos um dia à coletar 1000 litros de leite em dez propriedades, tá terminado, aquela linha tá pronta. Em dez propriedades se faz a coleta. Então o fundamental é a produção de leite. Outra consideração muito importante é a conscientização dos produtores em se reunirem, em discutirem e apresentar sugestões e não simplesmente deixar a solução dos problemas da linha de coleta para a cooperativa. Às vezes os produtores conhecem as estradas melhor do que nós, evidentemente, Vivem na região. Nós temos inclusive recebido algumas sugestões muito boas de mudarmos linhas de coleta, mudarmos o roteiro com extraordinário benefício para o próprio produtor. Então acho que é um assunto que tem que ser debatido entre os próprios produtores. Aqueles que estão iniciando, que estão com produção ainda pequena, que podem transportar esta produção por um determinado trecho, devem ter essa conscientização de colaborar no sentido de diminuir o tempo de coleta. É bem mais fácil um proprietário carregar 10 litros de leite por uns 300 metros, do que um caminhão entrar 300 metros para pegar 10 litros de leite. Existem várias soluções, agora, insisto que fundamentalmente é preciso aumentar a produção para corrigir tudo isso aí.

Dezordi — Eu só queria lembrar um caso aqui. Logo que nós iniciamos o trabalho na cooperativa com leite em referência a coleta, nos che-



Hubert Adalbert Drews

gou um associado da Linha Leste dizendo que tinham acertado com o motorista que iniciava pegando o leite as três e meia da madrugada e que ele estava chegando as três horas da manhã, meia hora adiantado e ficava buzinando o carro e fazendo com que toda a família, inclusive as crianças, os pequeninhos acordassem. Esse produtor só reivindicava que atrasassem essa meia hora, que continuasse então pegando as três e meia da manhã. Acho que é um caso que deverá ficar escrito na história de recolhimento de leite da própria cooperativa onde nos apercebemos com isso que a metade da noite essa família ficava envolvida em termos de tirar leite, entregar leite. Com o trabalho que se fez nas reuniões, o pessoal entendeu, depois que se localizaram as plataformas e dividimos também essa linha. Só cabe o exemplo, então nós estamos iniciando a coleta agora as seis horas da manhã. Evidente que no verão talvez seja as cinco horas. Nós já conseguimos atrasar três horas nessa linha.

COTRIJORNAL — Sabe-se que em outros Estados e mesmo em bacias leiteiras tradicionais gaúchas, a pecuária de leite segura a família no interior. Isso pode ser considerado um dos aspectos positivos dessa opção?

Hendges — Não resta dúvida que é. Numa reunião no Timbozal, só para citar um exemplo, um associado disse que hoje os filhos dos produtores não sabem ou não aprenderam a tratar um porco ou uma vaca de leite. Por isso, como técnico, acho positivo o fato de a pecuária de leite agregar a família em torno da propriedade.

Bazzana — Nós que temos a terra, temos que ficar lá, onde é o nosso lugar. Eu tenho três filhos, formados na técnica. Todos estão lá comigo, tirando leite, tratando porco e plantando trigo e soja. Tudo que segurar o homem na propriedade é positivo. Correr a cidade a procura de emprego, e mesmo que se empregue, ganhar o insuficiente para o sustento da família, não é solução.

COTRIJORNAL — O Departamento Técnico da COTRIJUI, com a criação da CCGL, se estruturou para prestar serviços aos associados que já produziam ou que estão iniciando na pecuária de leite. Nas reuniões de núcleos é assunto obrigatório. Nesse debate, que perguntas os produtores teriam para dirigir ao representante do setor?

Bazzana — A meu ver acho que a cooperativa está oferecendo todas as condições, pelo que se vê até aqui.

Neumann — Se a COTRIJUI nos oferece esses serviços, o que devemos é procurar por eles. Está em nós o interesse. Os técnicos afinal foram contratados para esse fim. Nós temos é que usar esses elementos, porque o ganho deles é sagrado se vão na lavoura ou não.

COTRIJORNAL — A ordenha mecânica, segundo o Departamento Técnico da COTRIJUI, já é viável para algumas propriedades. Qual a orientação aos produtores, a respeito de compra e instalação de ordenhadeiras mecânicas?

Otaliz — Já é do conhecimento geral que a COTRIJUI está operando no ramo de ordenhadeiras mecânicas, com o objetivo de prestar mais um serviço ao associado. Inclusive o Departamento Técnico tomou para si o trabalho de vender ordenhadeiras, porque queremos que esse equipamento seja usado apenas por aqueles produtores que necessitem efetivamente. Devemos fugir do entusiasmo inicial em que os produtores, pela facilidade de financiamentos, investem em equipamentos que na maioria dos casos seriam dispensáveis, considerando a disponibilidade de mão de obra. No entanto, não se quer dizer que a cooperativa, por vender ordenhadeira, esteja fazendo propaganda do equipamento. Não há nenhum interesse comercial. E poderá acontecer de o departamento Técnico vir a ser procurado por algum produtor interessado em comprar uma ordenhadeira, e ser desaconselhado a fazê-lo, por não ter necessidade de mecanizar ainda a sua ordenha. Acreditamos que uma ordenhadeira se justifica em propriedades com no mínimo dez vacas em ordenha e não tenha muita mão de obra. Para uma família de quatro ou cinco filhos que trabalhem, mesmo com 10 vacas não há necessidade de ordenhadeira mecânica. Se alguém nessa condição tiver sobra de recursos, deve antes investir em pastagens, melhora do rebanho, para depois pensar em ordenha mecânica.

Dallabrida — Eu tenho instalações mecânicas, pensando sempre em aumentar a produção. Mas acho que a ordenha à pulso estraga as pessoas. Tirar leite até de quatro vacas por dia, para uma pessoa, já é pesado.

Grenzler — Quero lembrar que quem vai colocar ordenhadeira, não pode deixar de colocar um motor à gasolina. Porque 50 por cento na hora da ordenha falta luz. Faz mais de ano que tenho ordenhadeira lá (Alto da União), e cansa de acontecer de tirar leite da metade das vacas, e a outra metade é a gasolina.

COTRIJORNAL — E quanto à aquisição de animais, qual a orientação do Departamento Técnico?

Otaliz — Não diria apenas quanto à aquisição de animais, mas com relação à todos os investimentos necessários à implantação de produção leiteira em propriedade da nossa região. Quando iniciamos, em outubro do ano passado, não havia disponibilidade de recursos nos bancos para a pecuária leiteira. Hoje já podemos dar melhores notícias aos produtores, porque houve liberação de recursos e o Banco do Brasil especialmente está com linhas de crédito e a coo-

perativa já está elaborando projetos de financiamento para o setor. Acontece que o número de interessados é elevado, daí não podemos atender a todos ao mesmo tempo. Existem dois tipos de projetos. Um que abrange cobertura global, onde se financia tudo aquilo que precisa uma propriedade leiteira, desde pastagens, animais, instalações, etc. Outro, um plano de crédito bem mais rápido, destinado a cobrir pequenos investimentos. É o mais prático e mais recomendado, dado vivermos momentos de crise. Quanto à aquisição de animais, tem sido preocupação do departamento Técnico. A cooperativa já tem mantido contatos com empresas da zona da fronteira que comercializam gado, e em breve nós teremos animais à disposição dos associados. É dentro desse objetivo que a COTRIJUI vem dando suporte à Feira de Gado Leiteiro, procurando baixar os custos de produção. Não dizendo com isso que a Feira será a única fonte de animais. Só agora, com a liberação dos financiamentos, é que a cooperativa iniciou os contatos com os produtores interessados e em breve os inscritos serão procurados por nós.

COTRIJORNAL — Produzir leite é vantagem para o grande, médio ou pequeno produtor? Ou não há distinção entre o tamanho da propriedade?

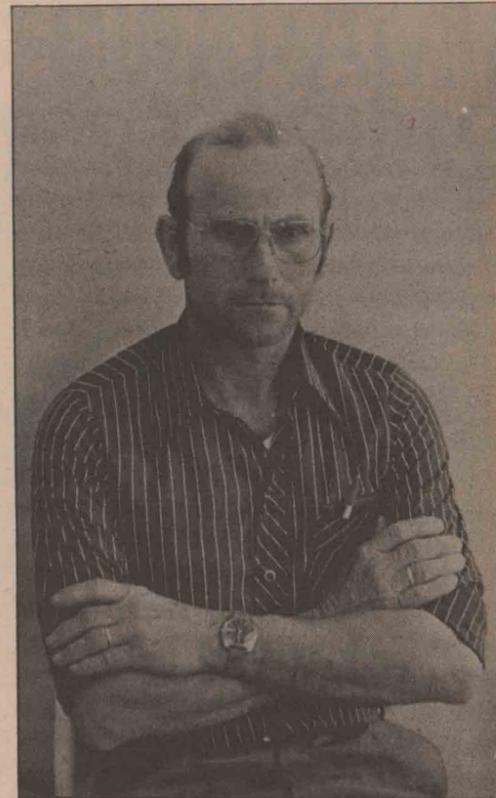
Dallabrida — Entendo que não há diferença. Falta leite no mundo.

Neumann — O leite é o principal na mesa. Se falta o leite, falta uma série de coisas. Desde a criança precisa do leite. Todos que tenham interesse e condições devem produzir leite.

Drews — Foi dito que é mais uma fonte de renda, uma defesa. Então cada um — pequeno ou grande — vai ter o lado positivo da produção de leite.

Otaliz — Teóricamente, leite é viável em qualquer propriedade, independente do tamanho. Pessoalmente, acho que o importante é a qualidade da mão de obra. Acredito mais na produção leiteira à nível de uma pequena propriedade onde a família se envolve no trabalho, do que numa grande onde a tarefa é confiada à terceiros.

Dezordi — No caso de trigo e soja, pelas condições de preço e mercado, se envolveram todos, inclusive médio e pequeno. Então se deve levar em conta se o agricultor vai optar pelo leite só para dar renda, ou vai considerar também o fator integração do homem na região, o lado social. Num primeiro momento, então, acredito que a diversificação deveria ser meta de pequenos e médios produtores, nunca excluindo no entanto a condição do grande proprietário também fazer seus projetos. Não podemos direcionar todos para o leite, que entrariamos noutra monocultura.



Lino Carlos Dallabrida

COTRIJORNAL — Com o evento da Central de Leite, cooperativas associadas é que pagam o leite ao produtor. No caso da COTRIJUI, o pagamento vem sendo feito em dia? Alguma sugestão sobre a forma de pagamento, preços, etc?

Dallabrida — No início eu achei meio bastante esses descontos, mas enfim eu acho que é para nosso proveito. Quanto ao pagamento, a nossa linha está ficando mais para traz do que outras. Há linhas que já recebiam.

Neumann — Eu estou começando no leite, e queria saber como é esse negócio do desconto. Por exemplo: se eu entrego leite ácido, e ele é misturado ao dos outros, ninguém fica sabendo que é meu. Então como fica. O desconto é repartido?

Otaliz — Pelo fato de a produção ser ainda pequena, é inviável fazer coleta individual de todos os produtores. No caso de uma linha que coleta o produto de 100 até 120 fornecedores, teríamos que ter caminhões que comportassem até 120 tarros. Isso é impossível. E como a produção por propriedade ainda é baixa, a única forma de se coletar é misturando o leite. Então os descontos por acidez são divididos entre aqueles produtores que não fazem coleta individual. A vantagem então para os que aumentarem sua produção, é que vão sair fora da coleta comum. Então, só terão descontos se o produto entregue for efetivamente ácido.

Dezordi — Quanto ao pagamento, a título de informação do associado, eu diria que é o mesmo sistema usado pela cooperativa para o pagamento de soja, trigo e outros produtos, isto é, através da computação de dados. Isso tem causado alguns problemas, até que o setor defina um programa no computador, agilizando os pagamentos de leite.

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO ECONÔMICO

Bem sabemos que o cooperativismo agrícola implica numa ação voluntária e consciente de solidariedade humana que promove a união de agricultores entre si, imbuídos dos mesmos propósitos.

Criar uma cooperativa agrícola ou associar-se a uma já existente, é uma decisão importante na vida de cada agricultor, pois ele se torna ao mesmo tempo, patrão e cliente, assumindo um engajamento com dois aspectos essenciais para a estabilidade e desenvolvimento desta sociedade, quais sejam:

Um compromisso financeiro. Tornando-se provedor de capitais à cooperativa, ele passa a ser um empreendedor, participando assim do capital social da mesma e se constituindo, pois, em responsável pela boa utilização dos capitais e da administração de tal sociedade. O cooperativado não pode fugir de tais responsabilidades, pois se o fizer, porá em perigo sua cooperativa, pois ele é uma parte dela. Ser um associado ativo, um autêntico militante do ideal cooperativista é valorizar-se a si próprio, estabelecendo uma base firme para seu pleno desenvolvimento pessoal. Ser associado de

uma cooperativa é como realizar um segundo casamento, ao qual lhe interessa, por isso cuida, protege aquilo que lhe pertence e que passa a fazer parte de sua vida, de seu pensamento e objetivos.

Tornar-se um cooperativado pode também ser comparado com o andar de bicicleta: se der marcha à ré cai e se parar cai também.

Um compromisso moral. Este compromisso moral manifesta o caráter, a boa vontade e o grau de idoneidade de cada associado no relacionamento com sua cooperativa.

Para termos uma construção segura temos que construí-la com materiais de boa qualidade. Uma cooperativa agrícola deve ser constituída de agricultores que sabem o que querem, que estejam dispostos a dar o máximo de si próprio para a plena realização deste ideal cooperativista tão necessário na época em que estamos vivendo. Cooperativismo é fazer com que cada indivíduo se crie a si próprio, é realizar-se encontrando completa satisfação pessoal, profissional, social, econômica, cultural, etc. Todo o associado deseja participar de uma coope-

rativa sólida, com uma estrutura econômica sadia. Mas para alcançarmos este objetivo, a atuação de cada cooperativado deve ser integral. Não importa qual seja o associado, a negligência em cumprir seus deveres com sua cooperativa terá consequências desastrosas para si mesmo, como para todo o corpo de associados.

A falta de uma pedra ou de um tijolo poderá ser a causa do desabamento de uma construção. A deficiência de um único elo poderá romper a corrente inteira e as consequências serão trágicas. Sabemos perfeitamente que o resultado (renda bruta) das diversas operações comerciais (compras e vendas) realizadas pela cooperativa é a "fonte de vida", os recursos com os quais ela se manterá, isto é, paga suas despesas, salários dos empregados, amortizações, investimentos diversos, etc. E qual é o grande beneficiado? É você, associado.

A entrega de toda a produção do associado é vital para o desenvolvimento de sua cooperativa, é mais do que um bom senso econômico, é um dever moral, é uma questão de justiça. A fidelidade moral é o termômetro que marcará

o grau de idoneidade, de seriedade, do ideal cooperativista de cada associado. A fidelidade deve ser prática e não teórica. Para receber é necessário primeiramente dar. Não há razões para se repetir e repetir como deve cada associado agir em relação a sua cooperativa. Aquele que é sincero e honesto consigo mesmo agirá sempre corretamente. Jamais o associado deveria interrogar-se: vou entregar todo o meu produto na cooperativa ou vender a particulares? Vou comprar todas as minhas provisões na cooperativa? Que idéias são estas? Pode ser tudo, menos de pessoas conscientes das vantagens cooperativistas. Portanto, desviar seu produto de sua cooperativa é colocar em desequilíbrio financeiro uma sociedade da qual você é associado e responsável pelo seu funcionamento. Agindo deste modo você está desvalorizando os capitais que subscreveu quando se tornou associado. E o seu dinheiro está sendo diluído e você é a causa disto. Desviando sua produção você está reduzindo os recursos de sobrevivência de sua cooperativa, colocando em perigo o seu futuro e o de seus familiares. Note bem: aumentando o volume das compras e vendas de sua cooperativa você está beneficiando a si mesmo, pois os excedentes (sobras) fortalecerão o capital de sua sociedade e receber certa quantia de retorno.

Saiba, prezado associado, que tudo o que sua cooperativa lhe oferece, como boa aco-

lhida, funcionários eficientes, conselhos técnicos, financiamentos, loja, supermercado, insumos, secagem, armazenagem, etc. são frutos da fidelidade financeira e moral de cada associado.

Como ter uma cooperativa digna de crédito diante das organizações bancárias, se ela possui uma situação financeira doente? Uma coisa é certa: desviar sua produção da cooperativa, fugindo da liquidação de suas dívidas junto à mesma que confiou em você, é se destriuir a si próprio e fazer com que outros associados paguem por sua irresponsabilidade.

Que conceito terão os particulares a respeito das cooperativas? Que dirão nossos filhos de nossas atitudes em relação aos nossos compromissos cooperativistas? Que tipo de associado somos nós? Qual é a herança cooperativa que deixaremos para nossos filhos? Creio que cada associado saberá perfeitamente medir suas atitudes como deve fazer todo autêntico militante cooperativista.

Será que é certo cada associado tentar salvar sua pele egoisticamente, causando a insegurança e mal-estar de outros associados? O mundo todo está em crise. Atuando em faixa própria seremos fracos e insatisfeitos. Se iniciamos bem, vamos continuar assim até o fim, para formarmos a cooperativa ideal, legítima, como cada um de nós aspira.

*E.C. Navarro é funcionário da COTRIEXPORT/Corretora de Seguros.

UMA OPÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

Como estudante de curso de pós-graduação em Economia Rural, e leitor do Cotrijornal, o administrador de empresas Luiz Fernando Hartmann, aluno da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, emite opinião sobre o cooperativismo. Em fase de elaboração de tese para conclusão de sua especialização, discorre sobre as características desse movimento que extravasa os setores da produção e consumo, preocupando cada vez mais os estudiosos. Na íntegra, o artigo do universitário.

"Cooperativismo é a doutrina que gera o Regime Econômico inserido tanto nas economias de mercado como as economias centralmente planejadas. A operacionalização da Doutrina Cooperativista se realiza através de seus instrumentos de ação, ou seja, as cooperativas. Estas podem ser definidas como organizações que reúnem capitais para a prestação de serviços prioritariamente aos seus associados, cuja remuneração é proporcional ao nível de serviços utilizados por cada

usuário-proprietário. Na análise deste conceito verifica-se o caráter secundário do capital como critério de remuneração, constituindo-se assim na principal característica diferenciadora com relação as demais empresas no Sistema Econômico Brasileiro.

No RS, a maioria das cooperativas, denominadas Cooperativas Agrícolas ou de Produtores, estão situadas no Setor Primário. Estas são classificadas segundo o tipo de produto que maior impacto exerça sobre suas operações. Desta forma, tem-se as Cooperativas de Trigo e Soja, de Arroz, de Leite, de Vinho, de Carne e de Lã. Constata-se, o relevante papel desempenhado por estas organizações, a medida que a maior parte da produção e comercialização dos principais produtos agrícolas são realizados sob seu controle e, ao mesmo tempo, envolvem 3/4 da população gaúcha do Setor Rural.

O setor Rural dos países menos desenvolvidos, como o Brasil, apresentam duas caracte-

ísticas básicas: por um lado, áreas dinâmicas utilizando uma tecnologia muito próxima dos países mais desenvolvidos e, por outro lado, áreas pouco desenvolvidas utilizando uma tecnologia primitiva. Esta situação dualista tem gerado problemas de tais proporções que os governos têm se lançado em busca de alternativas que venham solucioná-los.

A alternativa adotada no Brasil, denominada Modernização Conservadora que consiste na introdução de uma maciça tecnologia, concomitantemente com a empresarialização da empresa rural tem gerado duas consequências, ou seja, crescimento maior do produto ou produção nas áreas mais desenvolvidas e incorporação das áreas atrasadas na sociedade moderna através de irradiações provocadas a partir dos polos de desenvolvimento situados nas áreas mais desenvolvidas.

É, fundamentalmente, neste processo de incorporação que o Cooperativismo tem papel relevante a desempenhar como instrumento de mudan-

ça, por três razões básicas.

Em primeiro lugar, atua como agente acelerador que mais elementos possui para se ajustar a realidade menos desenvolvida, a medida que baseada em seus princípios de solidariedade e igualdade reúne pessoas em torno de objetivos comuns visando a defesa de seus interesses. Sendo que cada um, individualmente, não teria condições de realizar, dada a atomização como características do Setor Agrícola e um mercado de concorrência quase perfeita, isto é, baixo poder de barganha para reivindicar melhores preços nos mercados onde são vendidos seus produtos. Por meio da organização em Cooperativas conseguem transferir a margem de comercialização do intermediário para a empresa da qual são donos.

Em segundo lugar, atua como agente de neutralização no choque sofrido pelas populações das áreas menos desenvolvidas na passagem para a sociedade moderna, a medida que evita com que estas se ve-

jam marginalizadas na sociedade tecnológica ou no mundo da ação racional. Portanto, fixam o homem no campo através de um processo de educação e da prestação de assistência técnica que atendam suas necessidades básicas de produção, gerando consequentemente um nível de vida melhor.

E, finalmente, atua como agente de manutenção da dinâmica da sociedade moderna, através da criação da Agroindústria-Cooperativa, onde a renda agregada ao produto in natura pode em alguns casos ser multiplicada por vinte e cinco, conforme demonstra o Pe. Roque Lauschner em sua tese *Agroindústria e Desenvolvimento*.

Neste sentido, pode-se concluir que a doutrina cooperativista através de seus instrumentos de ação, torna-se um fator favorável ao desenvolvimento do Setor Rural inserida no Processo de Modernização Conservadora, não só a nível da sociedade tradicional como também na sociedade moderna".

EMPREGADORES RURAIS FUNDAM SINDICATO

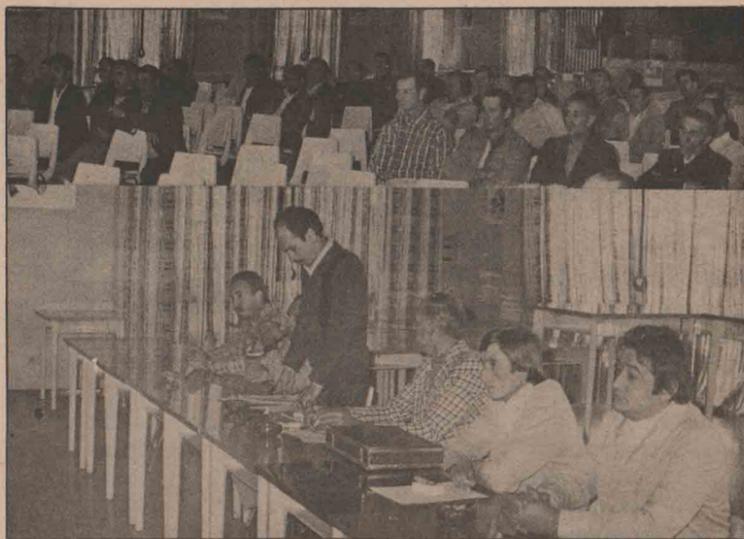
Empregadores rurais do município de Ijuí, liderados pelo agricultor Reinhold Luiz Kommers, reuniram-se a 8 de junho na sede da AFUCOTRI, com o fim de deliberar sobre a organização da classe em sindicato.

Mesmo em número reduzido, os empregadores rurais aprovaram unanimemente a minuta do estatuto, com vistas à legalização do Sindicato dos Empregadores Rurais de Ijuí.

A diretoria escolhida na oportunidade é formada pelos ruralistas Reinhold Luiz Kommers, presidente; Milton Brudna, vice-presidente e Delmar Barriquel, secretário.

Dirigindo-se aos presentes, Reinhold L. Kommers argumentou que os agropecuaristas de Ijuí, a partir dele próprio, "estavam perdendo tempo e dinheiro, por ainda não se terem organizado em entidade sindical." Disse isso

em alusão a retenção de capital e a falta de assistência médica e odontológica, que outros já conseguiram após sindicalizados. O novel sindicato já encaminhou seu Estatuto para o competente registro, requerendo igualmente sua filiação à FARSUL. Na fase de organização, o Sindicatos dos Empregadores Rurais de Ijuí contou com os serviços do economista Gilson Pedrazzi.



Parcial do plenário e a mesa diretora por ocasião da leitura da minuta do estatuto.

CURSO PARA JOVENS E REUNIÃO DA REGIONAL

Em dependências da FIDENE, a FETAG — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, promoveu mais um curso de Lideranças Jovens. Durante três dias (6, 7 e 8 de junho), o grupo que aparece na foto ouviu palestras sobre a História e Estrutura do Movimento Sindical; Cooperativismo, Estrutura Agrária, clubes de jovens e lideranças e relações humanas.

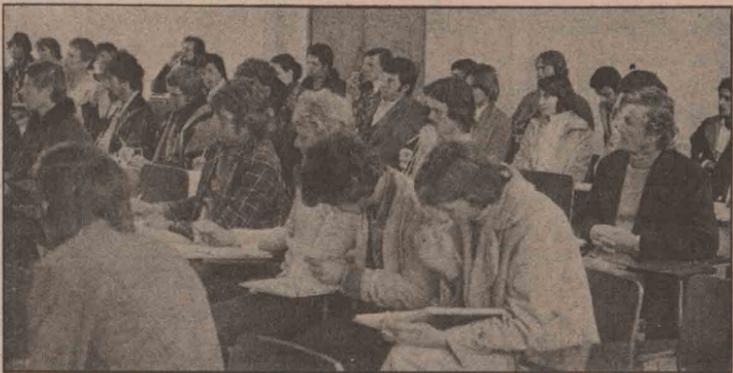
Para a realização deste curso, a FETAG contou com a

colaboração do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, COTRIJUI e FIDENE.

Ainda este ano, a FETAG estará realizando mais 17 cursos de liderança jovem, 18 de Administração Sindical e Cooperativismo e 11 de Liderança Sindical (adultos). Os trabalhos contaram com a participação do vice-presidente da FETAG, Orgênio Roth; do Assessor Sindical da federação, Edwino Werlang e seu colega Paulo Cesar da Silva, responsá-

vel pelo departamento de educação.

Já no dia 9 de junho, foi a vez de se reunirem as diretorias dos sindicatos de trabalhadores rurais jurisdicionados pelo STR de Ijuí. O encontro se desenvolveu na sede da Afucotri, Linha 3 Oeste-Ijuí, e contou com a presença de Zulmiro Ferri, presidente da FETAG; Orgênio Roth, vice-presidente e Edwino Werlang, assessor sindical. Os ruralistas discutiram assuntos relacionados à habitação na zona rural, discordando enfaticamente da correção monetária que incide sobre os planos, taxando-a de indevida. Se manifestaram igualmente contrários à hipoteca e às normas estabelecidas para enquadramento sindical. A propósito, leia nesta edição entrevista com o presidente da FETAG.



Participantes do curso, representantes de 10 municípios.



Direção da FETAG e líderes sindicais no encontro regional.

COOPERATIVA E SINDICATO DEVEM ANDAR JUNTOS

Em ato que contou com a presença do sr. Canisio Westenplelen, representando a FETAG, tomou posse em abril último a diretoria eleita do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Martinho. A solenidade, seguida de um churrasco no Salão Paroquial da Comunidade Católica, teve a participação do representante do Prefeito Municipal, Celso Werner; do pároco local; do eng. agr. Tânio Bandeira, gerente da COTRIJUI — Santo Augusto; de Edmundo Stadler, do STR de Santo Augusto; representantes da Cotricampo e de um bom número de agricultores sindicalizados de São Martinho.

Usando da palavra, o representante da COTRIJUI se congratulou com a diretoria que tomava posse, salientando que na busca dos interesses que são comuns ao bem estar do homem rural, cooperativa e sindicato devem trabalhar sempre unidos.

Esta a nominata dos eleitos e empossados como membros da diretoria do STR de São Martinho. Presidente, Erny Knorst; secretário, Canisio José Welter; tesoureiro, Pedro Leopoldo Engeroff; suplentes: Edwino Urban, Lauro Muller e Ernesto Fritzen. Conselho Fiscal (efetivos) — Otto Scheid, Adelar José Brentano e José Ernesto Ludwig. Suplentes — José Estevão Spohr, Valentin Guehen e Evaldo Ernesto Lermer.

PARA AS DOENÇAS DO TRIGO: DITHANE M-45 E KARATHANE

Tríticultor, não deixe as doenças do trigo prejudicarem sua colheita e seu lucro. Use Dithane M-45 e Karathane. Dithane M-45 controla as ferrugens, septorioses e a helmintosporiose. Karathane controla o oídio. É preciso produzir mais para importar menos. Lucra você, lucra o Brasil.



MENSAGEM A GARCIA

O texto a seguir, "Mensagem a Garcia", é a íntegra de artigo escrito pelo jornalista Elbert Hubbard, e publicado pela primeira vez em março de 1899. Quatorze anos depois — em 1913 — mais de quarenta milhões de cópias já haviam sido impressas e solicitadas em todo o mundo. A atualidade do artigo se renova, mesmo com o passar dos anos. Neste mês de julho de 1978, em que se comemora o Dia Mundial do Cooperativismo (1º/07), o vigésimo primeiro aniversário da COTRIJUI (20/07) e o Dia do Colono (25/07), publicamos o texto para leitura e reflexão.

Em todo este caso cubano, um homem se destaca no horizonte de minha memória como o planeta Marte no seu periélio. Quando irrompeu a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, o que importava a estes era comunicar-se rapidamente com o chefe dos insurretos, Garcia, que se sabia encontrar-se em alguma fortaleza do interior do sertão cubano, mas sem que se pudesse precisar exatamente onde. Era impossível comunicar-se com ele pelo correio ou pelo telégrafo. No entanto, tinha o Presidente que tratar de assegurar-se da sua colaboração, e isto quanto antes. Que fazer?

Alguém lembrou ao Presidente: "Há um homem chamado Rowan; e se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, há de ser Rowan".

Rowan foi trazido a presença do Presidente, que lhe confiou uma carta com a incumbência de entregá-la a Garcia. De como este homem, Rowan, tomou a carta, meteu-a num invólucro impermeável, amarrou-a sobre o peito, e, após quatro dias, saltou, de um barco sem cobertura, alta noite, nas costas de Cuba; de como se embrenhou no sertão, para, depois de três semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil e entregando a carta a Garcia — são coisas que não se vêm ao caso narrar aqui pormenorizadamente. O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu a Rowan uma carta para ser entregue a Garcia; Rowan pegou-a e nem perguntou: "Onde é que ele está"?

Hosana! Eis aí um homem cujo busto merecia ser fundido em bronze imarcescível e sua estátua colocada em cada escola do país. Não é de sabedoria livresca que a juventude precisa, nem instrução sobre isto ou aquilo. Precisa sim, de um endurecimento das vértebras, para poder mostrar-se altiva no exercício de um cargo; para atuar com diligência, para dar conta do recado; para, em suma, levar uma mensagem a Garcia.

O General Garcia já não é deste mundo, mas há outros Garcias. A nenhum homem que se tenha empenhado em levar avante uma empresa, em que a ajuda de muitos se torne precisa, têm sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a imbecilidade de grande nú-

mero de homens, ante a inabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente numa determinada coisa e fazê-la.

Assistência irregular, desatenção tola, indiferença irritante e trabalho mal feito parecem ser a regra geral. Nenhum homem pode ser verdadeiramente bem sucedido, salvo se lançar mão de todos os meios ao seu alcance, quer da força, quer do suborno, para obrigar outros homens a ajudá-lo a não ser que Deus Onipotente, na sua grande misericórdia, faça um milagre enviando-lhe como auxiliar um anjo de luz.

Leitor amigo, tu mesmo podes tirar a prova. Estás sentado no teu escritório, rodeado de meia-dúzia de empregados. Pois bem, chama um deles e pede-lhe: "Queira ter a bondade de consultar a enciclopédia e de me fazer uma descrição sucinta da vida de Corregio".

Dar-se-á o caso de o empregado dizer calmamente: "Sim, senhor" e executar o que pediu?

Nada disso! Olhar-te-á perplexo e desolado para fazer uma ou mais das seguintes perguntas:

- Quem é ele?
- Que enciclopédia?
- Onde é que está a enciclopédia?
- Fui eu acaso contratado para fazer isso?
- Não quer dizer Bismark?
- E se Carlos o fizesse?
- Já morreu?
- Precisa disso com urgência?
- Não será melhor que eu traga o livro para que o senhor mesmo procure o que quer?
- Para que quer saber disso?

E aposto dez contra um que, depois de haveres respondido a tais perguntas e explicado a maneira de procurar os dados pedidos e a razão por que deles precisas, teu empregado irá pedir a um companheiro que o ajude a encontrar Garcia, e depois voltará para te dizer que tal homem não existe. Evidentemente, pode ser que eu perca a aposta; mas, segundo a lei das médias, jogo na certa. Ora, se fores prudente, não te darás ao trabalho de explicar ao teu "ajudante" que Corregio se escreve com "C" e não com "K", mas limitar-te-ás a dizer meigamente, esboçando o me-

lhor sorriso: "Não faz mal; não se incomode", e, dito isto, levantar-te-ás e procurarás tu mesmo. E esta incapacidade de atuar independentemente, esta inépcia moral, esta invalidez da vontade, esta atrofia de disposição de solitamente se por em campo e agir são as coisas que recusam para um futuro tão remoto e advento do socialismo puro. Se os homens não tomam a iniciativa de agir em seu próprio proveito, que farão quando o resultado do seu esforço redundar em benefício de todos? Por enquanto parece que os homens ainda precisam de ser feitorados. O que mantém muito empregado no seu posto e o faz trabalhar é o medo de, se não o fizer, ser despedido no fim do mês. Anuncia precisar de um taquígrafo, e nove entre dez candidatos à vaga não saberão ortografar nem pontuar — e, o que é mais, pensam que não é necessário sabê-lo.

Poderá uma pessoa destas escrever uma Carta a Garcia?

"Vê aquele guarda-livros", dizia-me o chefe de uma grande fábrica.

"Sim, que tem?"

"É um excelente guarda-livros. Contudo, se eu o mandasse fazer um recado, talvez se desobrigasse da incumbência a contento, mas também podia muito bem ser que no caminho entrasse em duas ou três casas de bebidas, e que, quando chegasse ao seu destino, já não se recordasse da incumbência que lhe fora dada".

Será possível confiar-se a um tal homem uma carta para entregá-la a Garcia?

Ultimamente temos ouvido muitas expressões sentimentais externando simpatia para com os pobres entes que mourejam de sol a sol, para com os infelizes desempregados à cata do trabalho honesto, e tudo isto, quase sempre entremeado de muita palavra dura para com os homens que estão no poder.

Nada se diz do patrão que envelhece antes do tempo, num baldado esforço para induzir eternos desgostos e descontentes a trabalhar conscienciosamente; nada se diz de sua longa e paciente procura de pessoa, que, no entanto, muitas vezes nada mais se faz do que "matar o tempo", logo que ele volta as costas. Não há empresas que não estejam despedindo pessoal que se mostra incapaz de zelar pelos seus interesses, a um fim de substituí-lo por

outro mais apto. Este processo de seleção por eliminação se está operando incessantemente, em tempos adversos ou não, com a única diferença de que, quando os tempos são maus e o trabalho escasseia, a seleção se faz mais escrupulosamente, pondo-se fora, para sempre, os incompetentes e os inaproveitáveis. É a lei da sobrevivência do mais apto. Cada patrão, no seu próprio interesse, trata somente de guardar os melhores — aqueles que podem levar uma mensagem a Garcia.

Conheço um homem de aptidões realmente brilhantes, mas sem a fibra para gerir um negócio próprio e que, ademais, se torna completamente inútil para qualquer outra pessoa, devido à suspeita insana que constantemente abriga de que seu patrão o esteja oprimido ou tencione oprimi-lo. Sem poder mandar, não tolera que alguém o mande. Se lhe fosse confiada uma mensagem a Garcia retrucaria provavelmente: "Leve-a você mesmo".

Hoje este homem perambula errante ruas em busca de trabalho, em quase petição de miséria. No entanto, ninguém que o conheça se aventura a dar-lhe trabalho porque é a personificação do descontentamento e do espírito de réplica. Refratário a qualquer conselho ou admoestação, a única coisa capaz de nele produzir algum efeito seria um bom pontapé dado com a ponta de uma bota de número 42, sola grossa e bico largo.

Sei, não resta dúvida, que um indivíduo moralmente aleijado como este não é menos digno de compaixão que um fisicamente aleijado. Entretanto, nesta demonstração de compaixão, vertamos também uma lágrima pelos homens que se esforçam por levar avante uma grande empresa, cujas horas de trabalho não estão limitadas pelo som do apito e cujos cabelos ficam prematuramente encanecidos na incessante luta em que estão empenhados contra a indiferença desdenhosa, contra a imbecilidade crassa e a ingra-

tidão atroz, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar.

Dar-se-á o caso de eu ter pintado a situação em cores demasiado carregadas? Pode ser que sim; mas, quando todo mundo se apraz em divagações, quero lançar uma palavra de simpatia ao homem que imprime êxito a um empreendimento, ao homem que, a despeito de uma porção de empecilhos, sabe dirigir e coordenar os esforços de outros, e que, após o triunfo, talvez verifique que nada ganhou; nada, salvo a sua mera subsistência.

Também eu carreguei marmitas e trabalhei como jornalista como, também, tenho sido patrão. Sei, portanto, que alguma coisa se pode dizer de ambos os lados.

Não há excelência na pobreza de per si; farrapos não servem de recomendação. Nem todos os patrões são gananciosos e tiranos, da mesma forma que nem todos os pobres são virtuosos.

Todas as minhas simpatias pertencem ao homem que trabalha conscienciosamente, quer o patrão esteja, quer não. É o homem que, ao lhe ser confiada uma carta para Garcia, tranqüilamente toma a missiva, sem fazer perguntas idiotas, e sem a intenção oculta de jogá-la na primeira sarjeta que encontrar, ou praticar qualquer outro feito que não seja entregá-la ao destinatário, este homem nunca fica "enconstado", nem tem que se declarar em greve para forçar um aumento de ordenado.

A civilização busca ansiosa, insistentemente, homens nestas condições. Tudo que um tal homem pedir se lhe há de conceder. Precisa-se dele em cada cidade, em cada vila, em cada lugarejo, em cada escritório, em cada oficina, em cada loja, fábrica ou venda. O grito do mundo inteiro praticamente se resume nisso: Precisa-se, e com urgência, de um homem capaz de levar uma mensagem a Garcia.

DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO

"Realização de todos no esforço de cada um".

Comemorou-se, a 01 de julho, o 56º Dia Internacional do Cooperativismo.

É a hora propícia para que todos quantos participam do movimento cooperativista, examinem com atenção o alto significado das atividades desenvolvidas pelas empresas integradas ao sistema, que têm como objetivo principal, alcançar a evolução sócio econômica da comunidade em que vivem seus associados e por extensão, ao próprio País.

No transcurso de mais um Dia Internacional do Cooperativismo, é oportuno lembrar que a tarefa a que se propõe o movimento, dentro do binômio "Ascensão Social Através do Progresso Econômico", ainda não está terminada.

A conquista de nossos objetivos somente será alcançada na medida em que acumularmos experiências, eliminarmos as formas empíricas e integrarmos nossos esforços, em torno da causa comum.

Mensagem da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul — OCERGS, ao ensejo do Dia Internacional do Cooperativismo.

Sugestão de um ijuiense:

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE PARA O MATO GROSSO DO SUL

Veterano produtor e esforçado líder cooperativista, poeta e escritor, Alceu Krug Ferreira é também um apaixonado lidador das causas nobres da ecologia. Agora mesmo, ao ser nomeado para governar o novo estado do Mato Grosso do Sul o engenheiro Harri Amorim Costa, o sr. Alceu Ferreira apressou-se em ofertar àquele futuro governador minuta de Projeto para a criação de uma Secretaria do Meio Ambiente.

A proposição do sr. Alceu Krug Ferreira é um projeto Integrado — meio ambiente, flora e fauna — que tem em vista sensibilizar o futuro governador do novíssimo Estado, que por sinal é gaúcho, para as causas da preservação ecológica.

Divulgamos a seguir a introdução do Projeto endereçado ao engenheiro Harri Amorim Costa, que tem a seguinte redação:

Na oportunidade em que se instala o primeiro governo do promissor Estado do Mato Grosso do Sul, considerada a relevância dos setores enfocados no presente trabalho; consideradas outrossim, as potencialidades ainda existentes nos campos de sua flora e fauna dentro do importante sistema de sua hidrografia, julgamos oportunas as nossas sugestões, enfim, a nossa própria colaboração no alto sentido de trabalhar em defesa desses preciosos patrimônios, dos quais tanto depende a sobrevivência dos homens. Aqui, as nossas justificativas:

No decorrer de duas décadas haveríamos de nos preocupar com os sérios problemas da devastação florestal, da extinção em marcha acelerada da nossa fauna, e, de forma mais assustadora, com os trágicos efeitos surgidos com o uso criminoso dos chamados "defensivos agrícolas". Aliás, um paradoxo, eis que, e em decorrência, Estados como por exemplo o Rio Grande do Sul já estão pagando o elevado tributo ao pretender a recuperação do seu meio-ambiente e onde o próprio equilíbrio ecológico se vê seriamente ameaçado.

Liderando o movimento cooperativista ou ainda de ordem mais doutrinária, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, constatadas as nossas observações e comprovadas as nossas pesquisas, procuramos por intermédio desses organismos sensibilizar a opinião pública contra os processos de aniquilamento da nossa natureza, bem assim como aqueles organismos governamentais diretamente responsáveis pelos setores que aqui iremos enfocar.

Das nossas observações concluímos que as falhas que sobremaneira vem danificando esses setores, se prendem principalmente: a) — na ausência de uma legislação adequada que re-

gulamente discipline, que instrua e defenda sob as penas da lei tudo que diz respeito ao patrimônio comum, dentro do qual a natureza, nas suas mais variadas manifestações, merece a mais alta prioridade; b) nos precários recursos colocados à disposição dos organismos responsáveis, e, em consequência, a precária e quase ausência de organismos fiscalizadores; c) na ausência de um movimento educativo que permitisse o despertar de uma consciência ecológica em proveito de todos, tomando-se em conta o inarredável compromisso que temos com as gerações do amanhã; d) na falta de uma atitude enérgica por parte do Estado e contra aqueles que impunemente acham de violentar a natureza, propriedade exclusiva desse mesmo Estado.

Em consequência de tudo isso e tomando-se por exemplo o Estado do Rio Grande do Sul, em cujo território os setores aqui enfocados se acham seriamente ameaçados, nos permitimos apontar algumas das principais causas que afinal poderão servir de exemplo na estruturação de um novo Estado:

1) O desenvolvimentismo nos seus mais variados campos trouxe no seu bojo problemas de toda ordem, que, através do tempo foram se acumulando e tornando cada vez mais difícil as suas soluções. No Rio Grande do Sul, uma das principais causas que vieram a alterar profundamente os sistemas aqui enfocados, reside na sua agricultura imediatista e em cuja atividade não foram medidas as funestas consequências ao meio em que teria que sobreviver. Incontestáveis falhas no processamento da edafologia, haveriam de semear os malefícios que nesse mesmo espaço de tempo eleva quase ao arrazamento o seu equilíbrio, principalmente o biológico;

2) Se por um lado pode-

mos constatar um aprimorado condicionamento de nossas lavouras dentro de padrões da moderna fitotecnia, entretanto deixou-se de lado o zelo pelo meio-ambiente. Em consequência, as nossas fontes, os nossos rios e os nossos lagos se transformaram em depósitos de resíduos altamente prejudiciais ao meio. As enxurradas continuam cada vez mais danosas. O leito das águas do Rio Grande do Sul está coberto por uma camada lodosa perigosamente contaminada pelos resíduos citados. Grifamos aqui os resíduos dos defensivos agrícolas não bio-degradáveis atuando permanentemente no processo de destruição de nossa micrografia (micro-organismos, sistema planetônico etc.) da qual depende toda a vida aquática. A grande bacia do rio Uruguai está totalmente poluída. A vida naquelas paragens vai chegando ao fim e o espectro da morte vai rumando para a bacia do prata, como o mais nefando presente aos nossos irmãos argentinos e uruguaios.

3) Permitam-me repetir aqui o paradoxo comentado e inserido em meus livros: "Enquanto o homem planta uma árvore nas praças públicas num gesto de simbolismo, o desavisado destrói uma floresta inteira pelo fogo". É isto o que lamentavelmente continuamos a observar. Nossa minguada reserva florestal está sendo dizimada. Em consequência, as secas se fazem cada vez mais presentes. A grande estiagem recentemente verifi-

cada no Rio Grande do Sul conduziu a sua agricultura à mais funesta frustração das safras de trigo e soja. Frustrado o nosso regime de monoculturas imediatistas, resta-nos pagar o caro tributo à importação de produtos de primeira necessidade.

4) A paisagem do Estado do Rio Grande do Sul está ficando deserta. Dizimada a sua flora a rigor do ferro e do fogo, sua fauna desaparece, vítima da insensatez humana. As espécies selvagens se acham à beira da extinção, vítimas inocentes de um desenvolvimentismo irracional ou vítima do chumbo nas mãos e na mira dos falsos desportistas. Os rios ou os lagos do Rio Grande do Sul não mais servem de abrigo às "piracemas". Estas, ou morrem de inanição ou nas malhas das redes desbitoladas desses mesmos desportistas e/ ou de um profissionalismo absurdo. Não há mais tempo para a desova. Assim, é comum alguém adquirir no seu supermercado um "surubim" carregado de ovas que irão fatalmente para o lixo. Mal as espécies se acardumam no mais divino regosijo de suas naturezas, já os insensatos haverão de lançar milhares de artefatos para caçá-los no mais abjeto desrespeito aos períodos da proliferação.

5) Considerada a experiência vivida no Estado do Rio Grande do Sul, verificamos os erros tão próprios da fragilidade humana, tomadas em conta as falhas apontadas, bem como a precariedade dos recursos dispo-

níveis e fiscalização dos setores enfocados;

Considerada a necessidade impostergável de implantação de sistemas que visem assegurar a melhoria do meio-ambiente com toda a sua natureza em proveito da vida, quer vegetal, quer animal;

Considerada a necessidade imprescindível de reformulação das leis que regem e disciplinam os setores aqui apontados e cuja execução seja realmente um motivo do maior respeito à causa pátria;

Considerada a marginalidade em que vivem as populações, principalmente as ribeirinhas, privadas de qualidades que lhes facultem o trabalho fora dos seus meios;

Considerada a necessidade de estudos de viabilidade para que no futuro tais serviços sejam da mais ampla autonomia dos Estados, e assim, libertos dos altos dispêndios característicos das super-estruturas;

Considerada a oportunidade em que se instala o primeiro governo do paradisíaco Estado do Mato Grosso do Sul, onde tais sistemas poderão se tornar um modelo para os demais Estados da Federação: anexo, esboçamos um organograma mostrando uma fórmula para a implantação de um Projeto Integrado que aglutinaria esses três setores tão interdependentes nas suas importâncias, revertendo esse novo modelo, numa apreciável economia para os cofres públicos.



Deus confiou-lhe as
árvores, as flores, o ar,
a água, a vida! Seja
digno da confiança Dele.
Não polua, não mate,
proteja! Um apelo do
COTRIJORNAL.

PRESIDENTE DA FETAG PREFERE COLONOS REASSENTADOS NO SUL

Retornando de Brasília, onde manteve contatos com autoridades governamentais sobre o grave problema que aflige algumas centenas de gaúchos expulsos das áreas que cultivavam em reservas indígenas, o presidente da FETAG — Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul, Gelindo Zulmiro Ferri, esteve em Ijuí. Após participar de encontro com lideranças sindicais rurais da área da Regional de Ijuí, ocorrido dia 9 de junho, concedeu entrevista ao programa A Voz do Agricultor e a reportagem do COTRIJORNAL, abordando além do momento assunto, o enquadramento sindical. A seguir, a íntegra, na entrevista.

Cotrijornal — A respeito do desalojamento dos colonos das reservas indígenas, o que pensa a FETAG na palavra de seu presidente?

Zulmiro Ferri — A Fetag tem tomado diversas providências desde o desalojamento dos colonos das áreas da FUNAI. Eu me fiz presente nos municípios de Nonoai e Planalto, e senti que a situação daqueles agricultores era lamentável, o que considero um problema social muito grave. Daí porque temos procurado diante das autoridades federais e estaduais, colocar o posicionamento da FETAG não como órgão de reassentamento ou de reforma agrária, mas sim no sentido de colaborar e procurar uma solução para esses agricultores, como elementos produtivos, e não como elementos que alguém considerou de intrusos. Não os considero intrusos,

mas sim agricultores que produzem na realidade, como bem documentam seus comprovantes e notas. Segundo o prefeito de Nonoai, os colonos desalojados significam 50 por cento da produção de matéria prima de seu município.

Cotrijornal — Quais as providências que a FETAG já teria tomado no sentido de resolver o problema dos colonos desalojados?

Zulmiro Ferri — Estivemos em Brasília onde contatamos com o presidente do INCRA, dr. Lourenço Vieira da Silva; com o chefe da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, além de termos sido recebidos no Ministério do Interior. Lá deixamos um documento onde solicitamos um projeto de reassentamento com condições (crédito, educação e saúde). Em resumo, concessão de crédito fundiário até 15 anos, com 3 anos de carência; construção de ambulatórios e de escolas; financiamento para construção de casas e aquisição de maquinário.

Cotrijornal — É sabido pelo noticioso da imprensa, que a maioria dos colonos que foram abrigados no Parque de Exposições de Esteio, manifestaram desejo de serem reassentados em solo gaúcho. Na opinião do presidente da FETAG, o INCRA — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, teria condições de resolver esse problema aqui no Rio Grande?

Zulmiro Ferri — O pensamento da FETAG é que esses agricultores sejam reassentados no Rio Grande do Sul. Inclusive tomamos co-

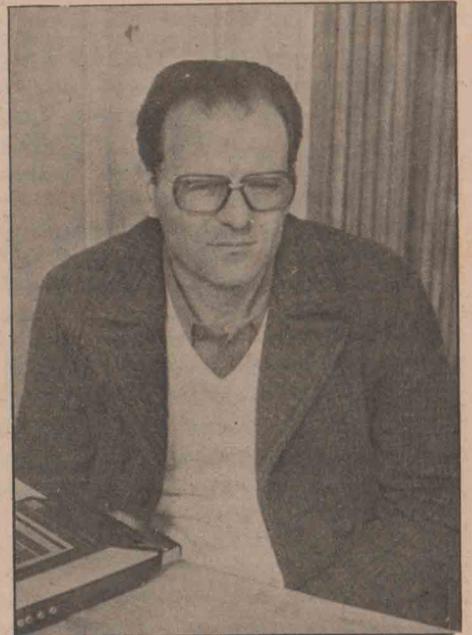
nhecimento em contato com o presidente do INCRA em Brasília, que no território gaúcho já foram tabuladas 17 áreas. Por isso eu acredito que existam condições para que os agricultores sejam reassentados aqui em nosso Estado. Inclusive faço um apelo às autoridades: que procurem alojar novamente aqui os colonos, porque são produtores gaúchos, e temos que fazer o possível para segurá-los aqui conosco.

ENQUADRAMENTO SINDICAL — O QUE PENSA A FETAG?

Cotrijornal — A propósito da Resolução 14/78, que diz respeito ao enquadramento sindical, que providências já tomou a FETAG?

Zulmiro Ferri — No que se iniciou o recadastramento no R. G. do Sul, oito dias após, a Federação tomou conhecimento através dos jornais da Instrução 14, baixada pelas normas do INCRA. Como é sabido, quem ergueu a bandeira em favor do agricultor gaúcho foi a FETAG-RS, convocando uma Assembléia Geral Extraordinária em termos nacionais, onde colocamos nosso pensamento à CONTAG — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, sobre o que poderia acontecer no Rio Grande do Sul. A vigorar a resolução do novo enquadramento, causaria uma baixa no contingente dos chamados trabalhadores rurais, de 76,2 por cento, reduzindo o quadro de federados à 24 por cento do atual. Mas a preocupação não recaiu só sobre isso, pois a atitude viria a prejudicar sensivelmente o agricultor na parte da previdência social rural.

Cotrijornal — Agora que sabemos da posição da Federação quanto ao enquadramento sindical proposto pela Resolução 14/78 do INCRA, gostaríamos de saber sua opinião pessoal diante de uma das exigências da circular baixada pelo Ministério da Previdência e Assistência Social: a de o filho maior de 18 anos ser considerado empregado do próprio pai, se trabalhar



Ferri: "... que procurem alojar aqui os colonos" na propriedade deste?

Zulmiro Ferri — Eu achei uma circular absurda essa baixada pelo Ministro da Previdência, fazendo que um filho de agricultor com 18 anos de idade passe a ser empregado do pai, e o pai empregador do filho. Várias manifestações partiram da FETAG defendendo esse mesmo pensamento, fazendo ver ao Ministro da Previdência e presidente do FUNRURAL, que essa sistemática de previdência social rural na forma da circular 113 não vem sendo aceita pelo nosso agricultor. Sabemos de sobra que o trabalhador rural, principalmente o pequeno, não reúne as mínimas condições para recolher como empregado.

Aftosa: DEBELADO SURTO EM DOM PEDRITO

No último mês de março registrou-se um surto de febre aftosa no município de Dom Pedrito, sendo constatados alguns focos da doença no distrito de Ponche Verde. Imediatamente o pessoal da Inspeção Veterinária entrou em ação, coletando material que foi enviado para a Secretaria da Agricultura. Os exames apontaram a presença do vírus tipo "O". Tão logo começaram a chegar as primeiras partidas da vacina adquirida pela Secretaria da Agricultura e distribuída gratuitamente entre os produtores, o inspetor veterinário, dr. Nilo Xavier, organizou um esquema de vacinação perifocal, cercando a zona atingida, no sentido de evitar a disseminação da doença. Foram aplicadas 220 mil doses de vacina monovalente em Dom Pedrito durante os meses de março e abril, debelando o surto de aftosa.

O COTRIJORNAL entrou em contato com o veterinário, dr. Nilo Xavier, tendo este ressaltado a eficácia da vacina, que no seu entendimento contribui para o criador perceber seus resultados positivos. Entretanto, essa aplicação de vacina monovalente não alterou o esquema de vacinação obrigatória, com a trivalente, previsto para o mês de junho em todo o Estado. Apenas o município de Bagé, com autorização da Secretaria da Agricultura, antecipou sua vacinação geral para o mês de maio. A propósito desse assunto de febre aftosa, a reportagem do COTRIJORNAL entrevistou o dr. José Carlos de Carvalho Pfeifer, médico veterinário da COTRIJUI, lotado na unidade de Dom Pedrito.

Cotrijornal — O senhor poderia explicar o que é febre aftosa?

Pfeifer — Febre aftosa é uma doença causada por vírus e que produz como sintomas uma afetação na parte do epitélio dos animais, especialmente na língua e nos cascos. No caso das fêmeas em lactação, no úbere, causando prejuízos em decorrência dessas lesões.

Cotrijornal — A febre aftosa é transmissível?

Pfeifer — Por se tratar de uma doença infecciosa, a febre aftosa se dissemina facilmente. Ela se propaga através do próprio ar, de pessoas, automóveis ou qualquer outro objeto que esteja em contato com o vírus. Inclusive de um campo para outro ou de uma internada para outra, através do próprio vírus contido na saliva que é levada pelo vento.

Cotrijornal — A febre aftosa é transmissível também ao homem?

Pfeifer — Ela se transmite também ao

homem, só que numa proporção muito menor do que nos animais, devido não ser a espécie humana a espécie escolhida para o vírus da aftosa. Há manifestações de contaminação através do leite, principalmente em crianças, mas com lesões benignas.

Cotrijornal — Quais os tipos de vírus da febre aftosa?

Pfeifer — No Rio Grande do Sul se registra a presença dos três tipos clássicos de vírus: A, O, C. Existem outros tipos de vírus. Temos como exemplo o "SAT" na África do Sul e o "ASIA" na própria Ásia. Mas são tipos de vírus que ainda não se verificaram entre nós até hoje. No Rio Grande do Sul somente existem os clássicos vírus A, O e C, com suas variantes ou sub-tipos.

Cotrijornal — No ano passado foi identificada uma variação do vírus A, que recebeu o nome de "A-BAGÉ". Por que ocorrem essas mutações?

Pfeifer — As variações decorrem de um processo de defesa no tipo de vírus ao se multiplicar. Se o organismo está com as defesas suficientes para os vírus clássicos, ele está fabricando anti-corpos e a doença não se manifesta. Mas no momento em que diminui a resistência orgânica dos animais, pode ocorrer que um determinado tipo de vírus se multiplique e se diferencie em sub-tipos.

Cotrijornal — Existe um esquema adotado e coordenado pela Secretaria da Agricultura para a vacinação em massa do rebanho gaúcho. Poderia explicar esse funcionamento?

Pfeifer — No esquema de vacinação obrigatória é usada a vacina trivalente com os três tipos de vírus (A, O e C) e a vacinação é feita a cada quatro meses.

Cotrijornal — Na hipótese da incidência de um único tipo de vírus, é aplicada uma vacina monovalente?

Pfeifer — Essa é uma das melhores armas que nós temos, porque as vacinas são fabricadas com um certo nível de proteção. Quando nós temos um surto de aftosa causado por um vírus, nós podemos fabricar uma vacina monovalente com um nível de proteção mais elevado do que normalmente se usa. Então teremos uma vacina muito mais garantida, mais eficiente.

Cotrijornal — De um modo geral, o criador acredita na vacina?

Pfeifer — O criador acredita na vacina até o momento em que esta lhe traga resultados eficientes. No momento em que o criador percebe que não está havendo aquela proteção de-

sejada, ele começa a questionar e pôr em dúvida essa vacina, relacionando o próprio custo da vacina e mais o trabalho da movimentação dos animais, que é um outro custo que ele tem na sua propriedade.

Cotrijornal — Comenta-se que existem produtores que utilizam a chamada "vacinação-papel". Eles compram a vacina, num artifício para fugirem às sanções penais, mas na realidade não aplicam a vacina.

Pfeifer — É sabido desde há muito tempo, que existem produtores que compram a vacina, mas não vacinam. Agora, isso depende muito da imagem da vacina. Quando o produtor sabe que a vacina está em boas condições, que o seu nível de proteção é alto e essa vacina é tecnicamente produzida para imunizar bem os animais, esse índice de produtores que tomam essa atitude se reduz a nível insignificante.

Cotrijornal — É sabido que o Ministério da Agricultura mantém controle sobre todos os lotes de vacina produzidos pelos laboratórios. O senhor acha que o resultado desse teste deve ser colocado no rótulo, apontando o grau imunológico da vacina?

Pfeifer — Essa é realmente uma idéia que nos parece bastante boa. A vacina contra a aftosa é um produto que tem um grande consumo em todo o Brasil e aplicada obrigatoriamente de quatro em quatro meses. Isso aí envolve uma grande soma de dinheiro. Portanto, esse envolvimento de muito dinheiro traz, é lógico, uma boa renda para os laboratórios. Como qualquer produto, o importante é a qualidade. Nós como técnicos, em qualquer setor de atividade sempre nos preocupamos com a qualidade e o ideal é que se compre vacina por qualidade e nunca por preço ou por nome. O que realmente interessa é a proteção que ela proporciona. A idéia nos parece muito boa.

Cotrijornal — Finalizando, o senhor poderia apontar os itens principais de uma boa vacina?

Pfeifer — Além daqueles cuidados que todo mundo já sabe, de ampla divulgação nos órgãos de imprensa, nas próprias bulas das vacinas e principalmente nos jornais e revistas especializadas, salientando cuidados, conservação, transporte e manejo da vacina na propriedade, nos parece importante uma proteção melhor contra o problema da aftosa, particularmente no município de Dom Pedrito, que lamentavelmente é um dos municípios que detém um dos maiores índices de aftosa do Estado, surgindo surtos quase todos os anos. Em especial, há uma



O médico veterinário José Carlos Pfeifer.

preocupação quando aparece um surto de febre aftosa próximo a safra de gado, notadamente nos meses de fevereiro, março e abril, quando o criador está com seus animais em estado de abate. Felizmente, hoje em dia, nós já temos ao alcance da cooperativa, dos nossos produtores, a solução para o problema, que consistiria naquele laboratório que procedesse da seguinte maneira: registrado um surto de febre aftosa, realizar a coleta rápida e também rapidamente proceder a identificação do vírus que está atacando. Feito isso, seria feita a multiplicação do vírus em laboratório e a produção da vacina específica, isto é, a vacina monovalente contra os vírus A, O, C, que esteja atuando naqueles focos. Depois distribuir rapidamente a vacina ao produtor em quantidade suficiente, porque o que tem se verificado em casos de surto é que há dificuldade em conseguir a vacina e normalmente ela chega em quantidade insuficiente para isolar o foco. Outro aspecto é a qualidade em si da vacina. Um laboratório idôneo que produzisse uma vacina com alto índice de proteção, somado ao que dissemos, resolveria o problema, fazendo também com que a própria imagem da vacina se recuperasse junto ao produtor, sem haver aqueles problemas de produtores que atualmente enterram a vacina, porque não acreditam na vacina.

TOMADA DE POSIÇÃO CONTRA A DOENÇA

*Dr. Edu Carlan

Nesse nosso segundo contato com os leitores do COTRI-JORNAL, entendemos necessário esclarecer os motivos que nos levaram tomar a decisão de criar esta coluna. A cárie dentária é a doença que mais comumente ataca o homem; logo, é caso de Saúde Pública, e como tal deveria ser focado e tratado não só pelos organismos estatais responsáveis como também pelos serviços e entidades particulares e pelos profissionais. Saúde é causa de ação humana. As causas determinantes da saúde e da doença estão intrinsecamente determinadas pelas condições sócio-econômicas. Aplicando corretamente os conhecimentos assimilados através do estudo, da pesquisa, e os transmitidos pela cultura, o homem pode modificar positivamente as leis da natureza e das sociedades. Aplicando, com habilidade, os novos métodos e os novos instrumentos que a ciência coloca a seu dispor, é possível intervir não só para curar, como é principalmente prevenir. As causas sócio-econômicas e sócio-culturais determinantes dos problemas relacionados com a saúde da coletividade necessitam, para serem eventualmente modifi-

cados, ser enfocados e tratados através de relações organizadas e integradas dos diferentes órgãos e entidades a quem estiverem afetos tais problemas.

A tomada de posição contra a doença, em nível de saúde pública, requer conscientização, planejamento, e ação integrada do Ministério da Saúde, da população, do profissional e dos serviços assistenciais particulares. Entendemos pois, que abrindo esta coluna estaremos tentando, em primeiro lugar, trazer o assunto saúde para debate, e consequentemente conscientizando nossos leitores e possivelmente, algum responsável por organismos ligados à Saúde Pública que por acaso vier a ler nosso jornal. Em segundo lugar, estaremos dizendo aos associados que o complexo problema também preocupa a cooperativa, razão pela qual os serviços dos cooperativados através de convênios, estão sempre sendo ampliados; como também justifica nossa presença aqui nesta coluna, num testemunho de que a classe que mais vive o problema ligado à saúde oral, também se preocupa com os mesmos e sente-se na obrigação de colaborar no enfoque e na solução do mes-

mo. Muitos pensarão ou mesmo irão perguntar: que poderá trazer de positivo uma ação isolada em relação à problemas tão complexos? Respondemos. Temos o exemplo em nossa própria casa (a cooperativa), ou vocês não se lembram mais como é que começaram? Sabemos perfeitamente, como frizamos anteriormente, que a solução de problemas tão complexos não dependerá exclusivamente de atos isolados. Podemos dar o exemplo, iniciando pela conscientização, tentando acima de tudo, motivar nossos associados no sentido de criar novos hábitos alimentares; usar sistemas mais corretos de higiene; procurar, em tempo, os meios disponíveis de prevenção das doenças; procurar assistência médica o mais cedo possível; fazer os exames preventivos nas épocas previstas e determinadas.

É para isto que estamos aqui, para esclarecer. Razão pela qual colocamos esta coluna à disposição dos associados. Escrevam pedindo explicações para os problemas e para as dúvidas relacionadas com os assuntos que nos propomos abordar. Quem sabe não nascerá, aqui, o germen de uma nova assistência, que poderá vir a ser exemplo ou padrão para atitudes mais arrojadas, mais dinâmicas e mais gerais?

*Edu Carlan é odontólogo em Ijuí.

MALES CAUSADOS PELO CIGARRO

Reconhecidamente o hábito de fumar é prejudicial à saúde. E é este o principal motivo que leva alguns médicos a combater com insistência o tabagismo, ainda que outros aspectos negativos desse costume possam ser levados em conta, como o perigo da ocorrência de incêndios, acidentes automobilísticos, a nocividade que o fumante transfere a terceiros, e assim por diante.

Ninguém discute, no entanto, que dos males causados pelo cigarro, o mais grave é a mortalidade que acarreta. É fato científico que o fumo dobra, ou mais do que dobra, a possibilidade de ocorrência de infarto do miocárdio. Como o infarto do miocárdio é a causa número um de morte nas sociedades ditas desenvolvidas, é fácil imaginar a contribuição elevada que o fumo traz às taxas de mortalidade através dessa sua influência nefasta.

O fumo, também, na estatística de aumento da mortalidade, é tido como grande causador do câncer no pulmão, moléstia igualmente fatal. Embora nem todos os tipos de câncer do pulmão decorram do hábito de fumar, a maioria — 95 por cento — são creditados pelos médicos a esse vício. E não se quer assustar ninguém quando se afirma que hoje o câncer pulmonar é o câncer visceral mais frequente em toda a humanidade. A medicina atestou isso, como alerta aos fumantes e, principalmente àqueles inclinados a se iniciarem nesse nocivo costume: o de ter um cigarro entre os dedos, e o que é pior, levá-lo à boca, tragando para seu interior um sem número de impurezas causadoras da morte.

A HIPERTENSÃO PODE SER FATAL

Neste ano de 1978, com maior assiduidade, órgãos especializados vêm se dedicando à divulgação da hipertensão, uma doença que pode matar uma pessoa antes mesmo que esta se aperceba. Visando maior esclarecimento da opinião pública a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu este ano como o Ano Mundial da Hipertensão. Artigo do Atualidades Sanbra, à seguir, dá uma idéia do que seja essa doença.

Cerca de 15 por cento da população adulta brasileira são hipertensos. Desse total, muitos morrem ou sofrem consequências irreversíveis pelo desconhecimento da doença. A hipertensão não distingue sexo, idade ou raça, e nem está relacionada com o fato de a pessoa ser nervosa ou agitada.

Uma campanha a nível mundial foi desencadeada pela OMS, com o objetivo de alertar e esclarecer o público para os perigos da doença, como diagnosticá-la, a conveniência da constante verificação da pressão, o tratamento adequado e seus efeitos nos órgãos vitais.

Esta campanha de esclarecimento no Brasil conta com a orientação da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

AUMENTO DA PRESSÃO SANGÜÍNEA

A hipertensão, uma das

doenças mais graves da atualidade, se caracteriza, principalmente, pelo aumento da pressão do sangue. Denominada por muitos médicos de "a assassina silenciosa", ela se apresenta, em sua fase inicial, totalmente sem sintomas. Sem perceber, as vítimas vão tendo seus órgãos vitais destruídos, pois a moléstia ataca inexoravelmente os cérebro, o coração, os rins e os olhos.

A hipertensão é uma das principais responsáveis pelo agravamento da arteriosclerose, dos enfartes, lesões renais e cegueira. Ataca a todos e sua causa é desconhecida. Muitos especialistas acreditam que na grande maioria dos casos seja hereditária. As mulheres, até os 40 anos, têm menos tendência à hipertensão do que os homens; a partir dos 40, elas se igualam a eles. As pessoas de raça negra estão mais predispostas do que as de raça branca. A doença ataca crianças e adolescentes. Para ser um hipertenso, muitas vezes não é preciso levar vida agitada nem ser uma pessoa nervosa.

COMO PROCEDER ANTE A DOENÇA

Perceber a moléstia na sua fase inicial é o mais importante. É essencial a verificação constante da pressão. E para a conscientização da importância desse fator, a OMS está promo-

vendo, no mundo inteiro, palestras e entrevistas que conduzem as populações ao hábito de tirar a pressão constantemente.

Diagnosticada no começo, a doença pode ser controlada através de um tratamento simples, que impede o comprometimento dos órgãos vitais. Outro ponto indiscutível no controle da hipertensão, é a conscientização da vítima no sentido de não abandonar o tratamento. Caso ele seja abandonado, a doença progride rapidamente, sem deixar muitas chances de vida ao seu portador.

O número de hipertensos é grande: só nos Estados Unidos já se calcula, aproximadamente 22 milhões de adultos, enquanto que, no Brasil, estaria por volta de sete milhões. Uma quantidade tão alarmante foi o principal motivo das campanhas de esclarecimento e da grande preocupação da Organização Mundial da Saúde com o controle da doença.

EVITE OS MALES DA HIPERTENSÃO VERIFIQUE A PRESSÃO DO SANGUE

Realmaster Rural.

Para aqueles momentos



em que você precisa



Quando você consegue colocar bem sua produção, as coisas costumam ficar um pouco mais fáceis.

Você paga todas as despesas e ainda sobra dinheiro.

Mas tem momentos em que elas ficam bem mais difíceis. É na fase do custeio, quando, além de precisar de recursos para arar, plantar e cuidar da terra ou do seu rebanho, podem acontecer imprevistos: Aí você pode precisar de um dinheiro a mais para atender a uma

emergência pessoal ou da sua família.

Para superar esses imprevistos, o Banco Real criou a conta Realmaster Rural.

Você pode sacar a descoberto sem dar satisfações a ninguém. E durante sete dias por mês não precisa pagar juros.

Assim, além de todas as linhas de crédito rural do Banco Real, você pode contar agora com mais essa vantagem Real.

Consulte o nosso gerente em qualquer uma de nossas agências.



Realmaster Rural.

BANCO REAL

O Banco que faz mais por seus clientes.

ASSEMBLÉIA GERAL DA COTRIJUI APROVOU AS CONTAS DO EXERCÍCIO

Mesmo com a temperatura bastante baixa que se fez sentir no dia 30 de maio, quatrocentos produtores associados compareceram à Assembléia Geral Ordinária da COTRIJUI, realizada nos salões da Sociedade Ginástica Ijuí. Junto a isso, o que se notou foi a efetiva participação dos produtores nos assuntos que dizem respeito à sua cooperativa, fazendo perguntas à diretoria, tecendo críticas e renovando o objetivo de uma sociedade de pessoas: ser grandes na medida que a grandiosidade signifique o aprimoramento das relações e bem estar social, como expressou o diretor presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva.

RELATÓRIO, BALANÇO E SOBRAS

Além de aprovar o relatório apresentado pela diretoria, referente ao exercício findo em 28 de fevereiro deste ano e cuja íntegra estamos publicando nesta edição, a Assembléia Geral aprovou também o balanço do exercício (encartado no COTRIJORNAL n^o 52), concordando com a proposta da diretoria de que as sobras fossem igualmente levadas a Fundo de Reserva. Estas sobras, colocadas à disposição da Assembléia Geral Ordinária, são de C\$ 7.469.663,10. O desempenho da COTRIJUI, soma de esforços de mais de 17 mil associados, dirigentes, funcionários e organizações que cooperam, além dos órgãos governamentais, está descrito no Relatório da Diretoria que publicamos a seguir. O Conselho Fiscal eleito para o período 1978/79, ficou assim constituído: Bruno Eisele, Dr. Antônio Cândido da Silva Netto e Olympio Belline como efetivos; José Cláudio Kohler, Leonides Dallabrida e Telmo Roverno Ros, suplentes.

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Como vem ocorrendo ao final de cada exercício, estamos uma vez mais reunidos em Assembléia Geral Ordinária, para prestar contas do exercício social findo, e, entendemos nós, de forma especial, programar nosso futuro. O que tem representado a COTRIJUI para todos nós, seus associados? O que tem ela realizado? Quantas indagações e quantas respostas poderão ser dadas e formuladas. Afinal esta COTRIJUI que constrói portos, indústrias; que cria empresas de comercialização; que presta assistência técnica e social; que constrói armazéns; monta lojas e supermercados, ingressa na atividade frigorífica, da lã,

do arroz e que ainda não satisfeita com isso ultrapassa as fronteiras do seu próprio Estado. Que participa da aquisição de uma empresa produtora de vacinas para febre aftosa, a qual certamente cairia em mãos de capitais distantes com interesses muito diferentes dos nossos.

Que colaborou de forma decisiva na criação e operação de duas Cooperativas Centrais para cuidar do leite e das telecomunicações. Que diversifica a produção de seu corpo social, para fugir do binômio trigo e soja, buscando dar maior estabilidade e bem estar aos seus associados. Que se prepara para parti-

cipar da ocupação da Amazônia, transferindo ainda neste ano de 1978, as primeiras 50 famílias de agricultores. Esta COTRIJUI que já tanto realizou e que ainda muito realizará, somos todos nós seus associados, homens que vivem da terra, que adquiriram a consciência de que o seu destino e o seu futuro serão cada vez mais seus no somatório dos seus desejos e da sua capacidade de realização, sintetizado na união de esforços e de objetivos comuns. Somos uma entidade de pessoas que pretende ser grande na medida em que a grandiosidade signifique o aprimoramento das relações e do bem estar social. Sabem os

nossos associados das dificuldades e dos riscos que enfrentávamos há poucos anos na comercialização da soja, quando a nossa falta de conhecimento dos mecanismos de comercialização nos levava a agir de forma totalmente empírica, muito mais por intuição do que por conclusões emanadas, hoje, da soma de informações. Atualmente comercializamos quase que a totalidade da nossa produção de farelo de soja diretamente com Cooperativas localizadas na Europa, com fornecimentos anuais através de embarques mensais contratados antes do início da industrialização da própria safra, inclusive fretando navios, ou seja, vendendo CIF e não somente vendas FOB, quando ficávamos inteiramente à mercê dos interesses do comprador que atrasava os navios ou às vezes deixava de mandá-los, de acordo com seus interesses.

Podemos hoje assegurar que a estrutura de comercialização da soja pela integração COTRIJUI-COTRIEXPORT, nos proporciona a SEGURANÇA de uma participação constante no mercado, permitindo-nos, certamente, a formação de uma média de preço que estará sempre muito bem situada, como já vem ocorrendo nos últimos anos. Para que isso acontecesse, foi necessário a formação de uma equipe de pessoas com capacidade, com conhecimento, e acima de tudo, que exercesse suas capacidades em função do interesse do produtor, como seu mandatário, e isto vem ocorrendo de forma plenamente satisfatória. Entretanto, isto custa, nisto há despesas que somente poderão ser suportáveis se houver volumes de produção compatíveis com essa realidade. E se na soja já alcançamos este estágio, por que não poderemos alcançá-lo nos demais produtos?

Vejam o caso do arroz. Não tínhamos, quando iniciamos o exercício, qualquer experiência na comercialização de arroz. Terminamos o exercício

com a nossa marca disputando as primeiras posições do mercado, chegando ao consumidor pela melhor qualidade e com preços em condições de igualdade com as marcas de maior tradição.

E a lã? Nos conformamos em ser meros intermediários na comercialização da lã, ou industrializá-la? O mais fácil seria sermos o mero intermediário. Partimos para a industrialização, firmando convênio de prestação de serviços com empresa especializada, e hoje está aí a nossa lã transformada em cobertores, ponchos, juponas, etc... Entretanto será que deveremos exercer nossa atividade de forma isolada ou também deveremos buscar uma integração dentro do sistema cooperativista, a exemplo do que fizemos no leite, nos integrando com outras Cooperativas e constituindo a Cooperativa Central Gaúcha de Leite, que certamente levará o nosso Estado e, de forma especial a nossa região pioneira a assumir a liderança nacional na produção leiteira? A C.C.G.L. é uma iniciativa vitoriosa porque, a par de assegurar a qualidade do produto a nível de consumidor, conta com a participação de suas associadas na extensão rural a nível de produtor, pela melhora dos sistemas de alimentação do rebanho, nível zootécnico, instalações

COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

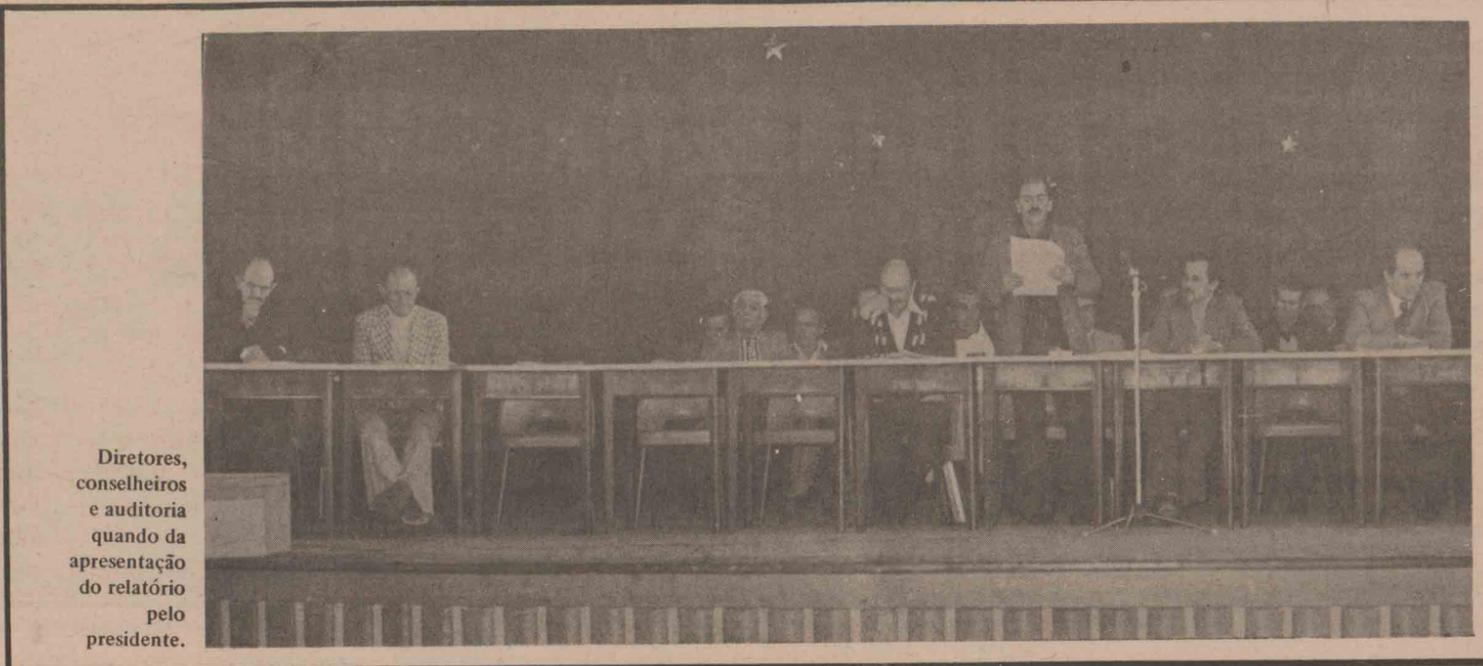


A COTRIEXPORT
— Corretora de Seguros Ltda. presta assistência técnica em seguros para os associados e amigos da COTRIJUI. Controla inclusive o vencimento das apólices. Você opta pela seguradora de sua preferência e a COTRIEXPORT cuida de tudo. Em Ijuí, junto ao Departamento de Assistência Social da COTRIJUI.

e tantas outras atividades que significam produtividade.

O setor de carnes, face o ingresso de nossa Cooperativa na região de Dom Pedrito, nos permite já um razoável grau de conhecimentos, mostrando-nos um futuro que não apresenta perspectivas nada animadoras, causado pelo indiscriminado abate de ventres, em média de 10% acima do que poderia ser admissível, aumentando, sistematicamente, a cada ano que passa, a ociosidade das instalações frigoríficas das Cooperativas de carnes, mostrando ainda uma falta de definição no relacionamento associado-cooperativa, gerando disputas infrutíferas e enfraquecimentos do movimento cooperativista e do produtor. Certamente, entendemos que o exemplo do leite deverá ser o caminho a ser percorrido pela carne, agregando, principalmente ao setor, a suinocultura, permitindo um adequado aproveitamento das instalações existentes e diversificando os tipos de carnes, tendo como objetivo principal atender às necessidades do mercado interno.

Estes fatos e observações, anteriormente enfocados, mostram uma multiplicidade de iniciativas, onde outras começam a se agregar, principalmente face ao início do processo de diversificação de culturas em nossa região pioneira, com o próximo ingresso no mercado, das primeiras produções das áreas hortifrutigranjeiras, que estão merecendo de nossa Cooperativa o mesmo cuidado que as demais atividades têm merecido, principalmente, procurando visualizar e acompanhar as dimensões do mercado. Todas essas atividades e, de forma especial, as novas iniciativas representadas pela produção das áreas recentemente incorporadas e que vêm nos proporcionando uma visão bem mais ampla do desempenho do setor primário hoje já praticamente a nível nacional têm, sem dúvida, custado o preço que sempre se paga quando se pre-



Diretores, conselheiros e auditoria quando da apresentação do relatório pelo presidente.

tende sair do comodismo das iniciativas tradicionais e pretensamente seguras, e se ingressa em outras que trarão ao nosso produtor associado, as opções e o conhecimento necessário para enfrentar o futuro, transformando-se em benefícios diretos, a curto e a médio prazo.

Certamente que a Cotrijuí, para manter a sua capacidade criadora e realizadora, necessita cada vez mais da participação do seu quadro social, que se aproxima ao número significativo de 17.000 associados, e para que isso continue ocorrendo, necessário se faz que novas normas sejam estabelecidas e, de uma maneira especial, o que chamaríamos de "Estrutura do Poder", ou seja, a efetiva participação dos associados nas decisões de sua Cooperativa.

Como poderemos nós hoje, pretender contar com a participação de 30 ou 50% dos associados em uma Assembleia Geral? Não haveria nem espaço físico disponível. E, certamente, em nada contribuiria em termos de participação, reunirmos uma verdadeira multidão em uma Assembleia Geral. Entretanto, já temos algumas experiências profundamente válidas em nossa própria região, que são as reuniões de núcleos de produtores, que representam, na maioria das vezes, se não de direito, mas de fato, Mini-Assembleias em que 50 ou 100 produtores associados reunidos tomam as suas decisões e de-

legam poderes a seus líderes para representá-los nas Assembleias da Cooperativa.

Chega assim o momento de fortalecer a participação do associado, talvez pela eleição de delegados que representarão o corpo social nas nossas Assembleias. Deixamos este tema como uma proposição ao quadro social, solicitando que o mesmo mereça de cada associado da COTRIJUI sua especial atenção, procurando buscar na soma das opiniões o consenso necessário a uma futura alteração dos nossos Estatutos Sociais.

Ainda no que concerne ao fortalecimento de nossa Cooperativa se faz necessário que tenhamos a coragem de enfrentar um

dos mais sérios problemas do Cooperativismo, que é a falta de capital próprio, ou seja a não integralização de Capital pelo associado. Não poderíamos, inclusive, pretender responsabilizar o quadro social por esta falta de capitalização, uma vez que a responsabilidade cabe ao próprio movimento cooperativista que, talvez por não acreditar em si mesmo, vem capitalizando unicamente sobre as entregas de trigo e agora mais recentemente em todos os outros novos produtos que estamos recebendo de nossos associados, como milho, feijão, arroz, carne, lã, etc. . . mas o principal de todos que é a soja, somente é capitalizada nas regiões de Dom Pedrito e

Maracaju. O crescimento da produção, o desenvolvimento tecnológico, enfim, a evolução exige e continuará sempre exigindo novos investimentos e aprimoramento dos já existentes. E como poderemos enfrentar todas essas necessidades se hoje o nosso capital próprio representa pouco mais de 10% do nosso imobilizado? Assim entregamos também esse assunto à consideração de nosso corpo social, porém, temos necessidade de, até a próxima safra de soja, encontrar a solução que deverá partir do consenso do corpo social.

Passemos agora a verificar o comportamento comparativo dos 3 últimos exercícios, nas seguintes áreas:

QUADRO SOCIAL			
em fevereiro de 1976. . .	11.361		
em fevereiro de 1977. . .	14.208	(+ 25,0%)	
em fevereiro de 1978. . .	16.659	(+ 17,3%)	
CAPITAL SOCIAL	SUBSCRITO	INTEGRALIZADO	AUMENTO %
em fevereiro de 1976. . .	37.634.035,19	23.364.123,59	
em fevereiro de 1977. . .	59.253.586,99	36.519.985,16	+ 56,3%
em fevereiro de 1978. . .	147.971.048,56	54.513.468,73	+ 49 %
VENDAS:			
em fevereiro de 1976.	Cr\$ 933.295.212,76		
em fevereiro de 1977.	Cr\$ 1.777.993.885,91		+ 90,5%
em fevereiro de 1978.	Cr\$ 2.815.840.816,25		+ 58,3%
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:			
em fevereiro de 1976.	Cr\$ 75.346.103,78		
em fevereiro de 1977.	Cr\$ 125.015.191,92		+ 65,9%
em fevereiro de 1978.	Cr\$ 145.678.891,72		+ 16,5%
QUADRO FUNCIONAL:			
em fevereiro de 1976.	1.460		
em fevereiro de 1977.	1.794	+ 23%	
em fevereiro de 1978.	2.690	+ 50%	

ASSISTÊNCIA SOCIAL: Atendimentos Gerais — Odontológicos e Médicos Hospitalares.			
em fevereiro de 1976.....	35.201		
em fevereiro de 1977.....	70.624	+ 100,1%	
em fevereiro de 1978.....	135.043	+ 91,2%	
RECEBIMENTO DE PRODUTOS:			
	Trigo (scs)	Soja (scs)	Total (scs)
1975.....	1.645.200	4.933.251	6.326.523
1976.....	2.806.692	5.695.551	8.502.243
1977.....	1.138.285	6.808.836	7.947.121
	Milho (scs)	Arroz (scs)	Lã (kg) *Outros (kg)
1977.....	62.760	237.561	1.227.090 1.996.320
Bovinos:	Quantidade	Peso Vivo	Peso Carcaça
Novilhos.....	11.798	5.277.182	2.638.807
Vacas.....	9.369	3.545.168	1.646.247
Ovinos:	Quantidade	Peso Vivo	Peso Carcaça
Cordeiros.....	5.991	147.794	61.768
Capões.....	220	7.983	3.220

*Sorgo, forrageiras, cevada e feijão.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA:

Assistência Técnica direta em vistorias, regulação de máquinas e implementos, etc. . . a 9.515 associados.

Projeto Procal: foram elaborados 1.415 projetos abrangendo uma área de 39.251,4 ha.

Propostas de Financiamentos: foram elaboradas 10.146 propostas para lavoura de trigo, soja, cevada, feijão e forrageiras, abrangendo uma área de 273.991 ha.

Análises:

de solo..... 1.714
de calcário..... 46
de fertilizantes..... 197

Assistência Veterinária: 2.112 consultas e visitas realizadas.

Inseminação Artificial: foram realizadas 3.876 inseminações.

Cursos de Atualizações Técnicas: foram realizados 10 cursos abrangendo: comunicação, piscicultura, herbicidas, fungicidas, forrageiras, plantio direto, mecanização e inseminação artificial.

Arborização: foram plantadas 1.228 árvores atendendo 11 escolas da região.

AERO AGRÍCOLA COTRIJUI LTDA: foram atendidos 399 associados com pulverização de 60.647 ha de lavouras de trigo e soja, continuando os trabalhos de aprimoramento dos equipamentos,

objetivando menores custos com resultados seguros.

DEPARTAMENTO DE CRÉDITO — REPASSE:

Trigo: 76.202 ha num valor de Cr\$ 179.907.875,00 beneficiando 3.638 associados.

Soja: 138.425 ha num valor de Cr\$ 216.535.119,00 beneficiando 5.801 associados.

Feijão: 144 ha num valor de Cr\$ 374.544,00 beneficiando 72 associados.

Milho: 5.057 ha num valor de Cr\$ 4.901.315,00 beneficiando 1.013 associados.

Calcário e fertilizantes: 39.595 ha num valor de Cr\$ 56.497.188,59 beneficiando 1.914 associados.

Cevada, aveia e centeio: 344 ha num valor de Cr\$ 536.334,00 beneficiando 36 associados.

Máquinas e implementos: 85 unidades num valor de Cr\$ 40.074.822,00 sendo 82 colheitadeiras BRAUD.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO — CONVÊNIO COTRIJUI/FIDENE

Foram realizadas 684 reuniões nas quais compareceram 19.325 participantes.

Cursos de corte e costura: foram realizados 5 cursos com a participação de 107 pessoas entre esposas e filhas de associados.

Cursos de extensão cooperativista: foram realizados 4 cursos com a participação de 235 pessoas (associados, esposas e filhos).



Associados acompanham a apresentação do relatório da diretoria.

Excursões: foram coordenadas 75 excursões a Rio Grande com a participação de 2.650 pessoas entre associados, familiares, funcionários e estudantes.

Foram realizados cursos para professores em diversos municípios de nossa área de ação, continuando os trabalhos que buscam a introdução da Contabilidade Agrícola.

Nosso ingresso, já quase no final do exercício, no Estado do Mato Grosso do Sul, com a incorporação da Cooperativa Agro-Pecuária Mista Maracaju, não permite ainda apresentar dados significativos uma vez que o período decorrido da incorporação até o encerramento do exercício social foi de somente 2 meses.

Caberia lamentar o acidente ocorrido no Terminal Graneleiro LUIZ FOGLIATTO, quando do

abalroamento de um navio, no final do mês de junho do ano de 1977, não permitindo o uso normal do Terminal para o escoamento das safras, determinando, inclusive, resultado negativo e a imediata recuperação dos estragos, acrescido da necessidade de ampliar o pier para acostamento dos navios que hoje já alcançam normalmente a 100.000 toneladas, enquanto nosso Terminal até então, estava dimensionado para receber navios de até 60.000 toneladas.

Ao encerrar o relato dos fatos e dados mais significativos do exercício findo, desejamos chamar a atenção de nossos associados da assertiva da política seguida pela nossa Cooperativa, que cresceu juntamente com seu produtor, seja pela sua efetiva participação da defesa e valorização do trabalho realizado pelos seus associados,

seja de forma especial na formação de uma mentalidade cooperativista, onde o homem agricultor é chamado a participar e decidir, numa demonstração da maturidade do corpo social da COTRIJUI, que vem a cada momento tomando maior consciência da realidade do momento que vivemos e que como agricultores estamos somando nossas forças na busca de uma sociedade mais justa e mais humana.

SOBRAS DO EXERCÍCIO: Propomos que as sobras do exercício sejam integralmente levadas a FUNDO DE RESERVA.

A todas organizações que operam com a COTRIJUI, aos órgãos governamentais, aos Conselheiros de Administração e Fiscal, aos funcionários e associados, nosso agradecimento pelo que juntos conseguimos realizar.

A DIRETORIA

Cuide bem do seu Trator e Caminhão.

LUBRAX

MD-300 MD-400



Qualidade e Segurança
PETROBRAS

Feira do Terneiro:

OFERTA REDUZIDA ELEVOU PREÇOS

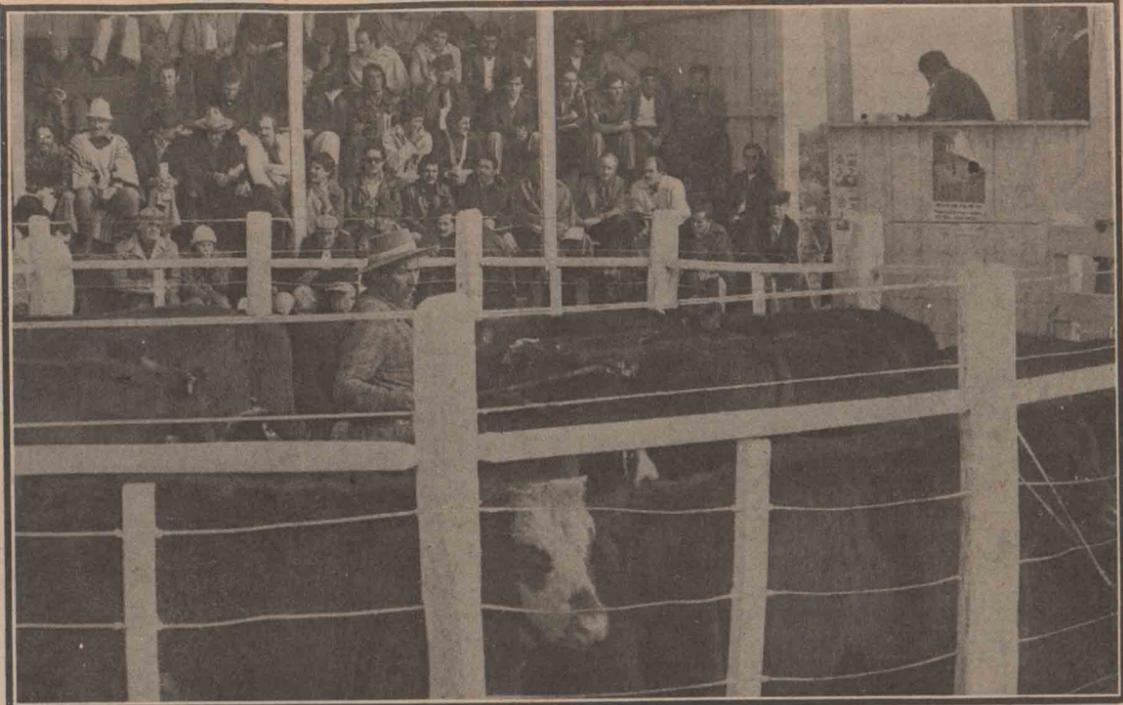
Realizou-se em Ijuí nos dias 9, 10 e 11 de junho, uma das etapas da VI Feira do Terneiro Riograndense. Como fora previsto pelo médico veterinário Waldir Groff, da COTRIJUI, houve uma quebra no número de animais comercializados devido as condições climáticas desfavoráveis à pecuária neste ano de 1978. Por outro lado, a intensa procura (o número de inscritos para compra era sete vezes o de lotes oferecidos) provocou desde o início do remate, a elevação dos preços.

**PREÇO NÃO
DESENCORAJOU
O COMPRADOR**

Após atestar a boa qualidade dos terneiros, os compra-

dores que vieram à Ijuí deram importância apenas relativa aos altos preços. É que a carne também subiu de preço, e além disso, os financiamentos especiais para feiras têm juros reduzidos.

Para alguns médicos veterinários presentes ao remate, o nível de desenvolvimento físico dos terneiros chegou mesmo a surpreender, se levarmos em conta que as condições climáticas eram adversas para o bom desempenho dos animais. Segundo o méd. vet. Otalíz Vargas Montardo da COTRIJUI, "se chegava a supor que os animais houvessem recebido trato no cocho". No entanto, ele concordou que houve, de certa for-



Um lote considerado bastante uniforme (Hereford/Santa Gertrudis), sob os olhares atentos dos compradores

ma, uma mentalidade mercantil, "pois quanto mais elevados os preços menos favorecido sai o produtor que vai terminar os terneiros". Seu colega, o méd. vet. Paulo Garcez, atribuiu os preços altos à dificulda-

de atual de se encontrar gado, especialmente nas condições dos lotes oferecidos. E como existem faixas especiais da rede bancária, o criador se aventura. "Mais do que isso — frisou Garcez — na Feira de 1978, até fronteiristas compraram terneiros".

Resultado disso, é que alguns terneiros chegaram a custar Cr\$ 3.600,00, quando o limite máximo de financiamento por cabeça era de Cr\$ 1.700,00, ou seja, menos de cinquenta por cento do valor de remate. Mas como se viu, a elevação não assustou os compradores, que

remataram a totalidade dos animais postos à leilão, em número de 1.547, perfazendo ao final do remate, uma média de preço de Cr\$ 2.161,00 por terneiro, com peso médio de 171 quilos.

À solenidade de abertura da Feira do Terneiro Riograndense, etapa de Ijuí, se fez presente o dr. Manoel da Cunha Vargas, coordenador geral do evento no Estado. A comissão da Feira, em Ijuí, estava constituída dos médicos veterinários Waldir Groff, Ruy M. Magalhães e eng^o agr^o José Carlos Stone.

Começa dia 29: EXPOSIÇÃO DE GADO LEITEIRO



A Exposição de Gado Leiteiro de Ijuí, promovida pela Prefeitura Municipal, Escola Assis Brasil e COTRIJUI, com a colaboração da Secretaria da Agricultura e Associação de Criadores de Gado Holandes, vai se realizar de 29 a 31 deste mês no Parque Regional de Feiras e Exposições "Assis Brasil".

Antes de chamar a atenção para o calendário deste evento, que-

remos lembrar que nenhum animal será admitido à exposição sem que tenha sido devidamente inscrito. Para tanto, os interessados devem procurar os formulários especialmente feitos para esse fim, nas unidades da COTRIJUI na região pioneira, Dom Pedrito e Porto Alegre.

A Exposição de Gado Leiteiro, já tradicional na região, proporcionará mais uma vez proporcionar

aos criadores a possibilidade de se certificarem do grau de adiantamento da pecuária leiteira. Novos métodos de seleção e outros trabalhos zootécnicos também serão mostrados ao público durante a feira.

A programação oficial estará obedecendo este calendário: recebimento de inscrições, até o dia 15 de julho; admissão de animais, de 25 a 27 do corrente; julgamento, dia 28 e inauguração e início das vendas, no dia 29.

LOCAÇÃO DE ESTANDES

Nota distribuída pela Comissão Central da Exposição esclarece também que se encontram à venda espaços para estandes que serão locados para promoção comercial. As firmas adquirentes terão a seu cargo a construção dos estandes. As áreas (com tamanho mínimo de 25 m²) serão alugadas à razão de Cr\$ 25,00 o metro². Interessados na locação, devem entrar em contato com a Escola Assis Brasil, Av. Getúlio Vargas, 997 em Ijuí, ou chamar o fone 22.17.

COTRIJUI ORIENTA A COMPRA DE ORDENHADEIRA

Com o objetivo de prestar mais um serviço aos associados, a COTRIJUI, através de seu Departamento Técnico, está em condições de assistir ao produtor desde a compra até a completa instalação e efetivo funcionamento de ordenhadeiras mecânicas.

Diante do incremento que se procura dar à bacia leiteira de sua área de influência, a cooperativa não deixou de cuidar dos interesses daqueles que, pela potencialidade de seus rebanhos e qualidade das instalações, reúnem condições de implantar um sistema de ordenha mecânica. Assim todos os associados que quiserem informações detalhadas sobre preços, condições de pagamento e financiamento, além da orientação técnica para saber da necessidade da implantação ou não da ordenha mecânica em seus estábulos, deverão entrar em contato com o Departamento Técnico nas unidades. Especialmente

para prestar serviços nessa área, dois técnicos da cooperativa participaram do Curso de Ordenhadeiras Manús/Trilhoteiro, proporcionado pela Trilhoteiro Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda, fabricantes das ordenhadeiras mecânicas Manús. De início a COTRIJUI dispõe para venda ordenhadeiras dessa marca, sendo possível que em breve passe a operar com outros equipamentos.

A ênfase dos médicos veterinários e demais técnicos do setor de produção animal da cooperativa, é no sentido de que os produtores de leite não deixem de consultar o Departamento Técnico antes de comprar equipamentos, certificando-se em primeiro lugar se a produtividade do rebanho, as condições do estábulo e outras proporcionam a viabilidade para operar mecanicamente.

PLANTADOR DE MILHO:

Até a 1ª capina você já perdeu mais de 10 sacos de sua produção por hectare...

- As ervas daninhas concorrem com o milho principalmente nos 20 primeiros dias da cultura.
- Em períodos muito chuvosos torna-se impossível a entrada das máquinas na lavoura, atrasando consideravelmente a 1.ª capina.

...e depois da 1ª capina você poderá perder ainda mais!

- As capinas mecânicas provocam sérios danos no sistema radicular do milho.
- As ervas daninhas que sobrevivem nas linhas continuarão competindo com a cultura.
- Os repasses voltarão a danificar as raízes do milho.

Primextra

Herbicida para milho que elimina a 1.ª capina e todos os repasses no milho.

CIBA-GEIGY
Telefone 41-1166
Porto Alegre



VALORIZAÇÃO DA MULHER NA ECONOMIA FAMILIAR



O grupo de senhoras e jovens de Coronel Lima - Vila Jóia, após receber os certificados

Em maio deste ano o setor de comunicação e educação da COTRIJUI efetuou a entrega de certificados a mais dois grupos de esposas e filhas de associados da cooperativa, concluintes do curso de corte e costura. Este trabalho é parte de um programa que visa integrar o elemento feminino como membro participante das decisões da família, quer em assuntos caseiros, domésticos, quer naqueles que dizem respeito à COTRIJUI.

CORONEL LIMA - VILA JÓIA

Uma das turmas que cumpriu as sessenta horas/aula ministradas pela professora Herminia Pannebecker, é a de Coronel Lima, Vila Jóia. A seguir a relação nominal das 18 participantes, que confeccionaram 154 peças de vestuário

de diferentes modelos, padrões e tamanho. Felícia de Almeida Ecker, Eva Eroni Silva Paranhos, Lúcia Elena Conceição, Vaniza Amaral, Neusa Lima dos Santos, Elma Zucolotto Casarotto, Maria Antonia Silveira Brittes, Valmira Soares Ecker, Erida Lúcia Goulart, Ledir Fátima Moraes, Evanir Salete Brittes, Querina Brittes, Eni Fátima Mendes, Salete Libardi Zucolotto, Eleuza Maria Lima dos Santos, Ivone de Fátima Brittes, Gessi Helena Muner e Maria Loreci Coró.

Ao ato de entrega de certificados se fizeram presentes o gerente da COTRIJUI - Vila Jóia, Carlos Fontana; o presidente do STRurais de Tupanciretã, Juvêncio Pedroso, além de associados, formando um grupo de 50 pessoas.

SÃO VALENTIM
Na localidade de São Va-

lentim o grupo era pouco maior, 23 senhoras e jovens, que confeccionaram ao longo do curso, 181 peças de vestuário, entre roupas masculinas, femininas e infantis. Estas as participantes. Liria Ana Gelatti, Terezinha Bonfada, Cecília Stochero, Geni Fátima Bonini, Izabel Perlim, Marilene Lourdes Gelatti, Marilene Gabbi, Iqnes Victória Pieniz Gabbi, Noema Sartori Bonfada, Noeli Bonfada, Leonilda Gabbi, Jozelina Stochero, Elenir Gabbi, Cleci Stochero, Almiri Stochero, Maria Bonfada, Almanir Bonini, Analice Bonini, Anadir Bonini Stochero, Fátima Gelatti, Oneide Trevizan, Gessi Stochero e Cleonice Casali.

As lideranças locais igualmente se fizeram presentes. Iolanda Teixeira, do setor de comunicação e educação, salientou ser o curso de corte e cos-

No núcleo de São Valentim, as participantes e a instrutora Herminia Pannebecker.

tura uma etapa apenas do trabalho que se procura desenvolver, objetivando uma atuação integrada da família rural, onde

os pais tomem consciência dos problemas dos filhos e vice-versa, podendo haver ajuda mútua em casos de necessidade.

LARANJA FONTE DE VITAMINA C

Quando em bom estado de amadurecimento, duas laranjas ácidas podem fornecer a taxa de vitamina "C" necessária ao organismo para um dia. Como se trata de uma fruta da família dos citros que nesta época é encontrada com facilidade, e para que se possa aproveitar mais os valores nutritivos da mesma, foram selecionadas duas receitas de fácil preparo, tendo como base a laranja.

PUDIM DE LARANJA

O que é necessário: 1/2 kg de açúcar, 8 gemas, 4 ovos, um copo de caldo de laranja ácida coado.

Como você deve fazer: bata os ovos com o açúcar, misture bem o caldo de laranja. Caramelele uma forma, despeje a mistura e leve ao forno regular em banho maria.

SOBREMESA DE LARANJA

Ingredientes: 350g de açúcar, meia xícara (de chá) de água, caldo de 4 laranjas e 4 ovos.

Como fazer: Faça uma calda rala, levando ao fogo brando a água e o açúcar. A seguir despeje o caldo de laranja e quando a mistura ferver, adicione os ovos batidos. Deixe cozinhar sem mexer, virando-o com auxílio de uma escumadeira. Retire cuidadosamente colocando em um prato. Deixe esfriar por completo antes de servir.

**CHEGOU
A SUA NOVA
OPÇÃO EM ALIMENTAÇÃO**

O leite que
é mais saúde...
mais nutritivo...
mais energia...
mais saudável...
mas, muito mais leite



**MAIS UM PRODUTO COM A QUALIDADE DA
COOPERATIVA CENTRAL GAÚCHA DE LEITE LTDA**

AV. DONA TEODORA, 1042
FONES 42-1660 / 42-1793

PORTO ALEGRE

RUA PROFESSORA LUIZA COUTO, 73
FONE 23-56

IJUI



KLEBER ALMEIDA - C.C.G.L.



"Vantagens..."

As "vantagens" do acidente são:

- 1 MESES DE INATIVIDADE
- 2 ATROFIA OU PERDA DE MEMBRO IMPORTANTE DO CORPO
- 3 FILHOS PASSANDO NECESSIDADE
- 4 IMPOSSIBILIDADE DE VOLTAR AO MESMO EMPREGO

EXTINTORES



EXTINTOR



EXTINTOR

O EXTINTOR DE NADA SERVE SE NÃO HÁ QUEM O SAIBA MANEJAR. APRENDA A MANEJÁ-LO

Incêndio INESPERADO

PARA NÃO ACONTECER ISTO



NÃO FAÇA ISTO

E NÃO ESQUEÇA DE FAZER ISTO



EM LUGARES ONDE MENOS SE ESPERA, ACONTECE O DESASTRE

Consertos de ELETRICIDADE

VALENTÃO



O ELETRICISTA



DEIXE OS CONSERTOS DE INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PARA O ELETRICISTA

Óculos de SEGURANÇA

IMPRUDENTE



ACIDENTADO



CERTO



É PREFERÍVEL TRABALHAR COM ÓCULOS DE SEGURANÇA UM POUCO EMBACIADOS, DO QUE PERDER A VISTA!

EMPILHAR SACOS



AS PILHAS DE SACOS TÊM LIMITE DE ALTURA, CONFORME O TAMANHO

TRÂNSITO INTERNO

CONFUSÃO



ORDEM E SEGURANÇA



O TRÂNSITO INTERNO ANÁRQUICO É PAI DE ACIDENTES

O HOMEM CONTRA A MÁQUINA

Luis Fernando Veríssimo.

Não quero ser alarmista. Talvez seja uma alucinação, não sei. O fato é que preciso desabafar. Talvez outros estejam passando pela mesma coisa mas não queiram falar para não parecerem loucos. Eu vou desabafar. Mesmo correndo riscos. Sempre se falou na luta do homem contra a máquina. Mas no sentido figurado. Acho que agora a guerra foi declarada. Não me refiro aos computadores, cada vez mais dominadores e absorventes. Li que nos Estados Unidos construíram o mais moderno computador do mundo para controlar todo o sistema de defesa nuclear do Ocidente. Logo depois de instalado, ele exigiu o sacrifício de uma virgem a cada lua cheia, sob pena de destruir o mundo. Isso é problema do Ocidente, não meu. Me refiro às máquinas de todos os dias. Estas com as quais a gente está sempre em contato. Elas estão atacando! Outro dia acordei com alguém gritando no meu ouvido "Levanta, cretino"! Levantei, assustado. Não era minha mulher. Para começar, eu não sou casado. Era o meu rádio despertador. Atordoado, me dirigi ao banheiro. No caminho ainda ouvi um comentário irônico do rádio despertador. Algo sobre o meu pijama. Meu barbeador elétrico fugiu ao controle e se dirigia, ameaçadoramente, para minha jugular quando consegui puxar o fio da tomada. Com um último arranco ele desceu pelo meu peito. Estou com uma faixa depilada, do pescoço ao umbigo. Não posso ir a praia. Me vesti, ouvindo insultos do rádio despertador o tempo todo. Não consegui descer de elevador. Quando apertei o "T" ele subiu. Usei a escada. Meu carro não pegava. Fui para o trabalho de ônibus. Tive que pular por cima da borboleta, que enguiçou. Claramente, uma conspiração.

Coincidência? Então como se explica que o elevador do edifício onde eu trabalho, quando eu aperto o número do meu andar, desce para o porão? E não é só. Assim que eu entro no elevador o alto-falante começa a tocar "Granada", que eu odeio. O calendário eletrônico em cima de minha mesa troca de data três vezes por dia.

Não posso mais falar no telefone. Sempre que pego o telefone ouço uma voz irritada:

- Me larga.
- Mas eu ...
- Me solta!

Peço para minha secretária fazer a ligação mas quando vou falar, ouço a mesma voz.

- Eu já não pedi?

O gravador. Tenho um gravador japonês. Tudo o que eu digo no gravador, ele responde. Em japonês. Meu toca-disco só toca em 78 rotações. Arranjei um disco de 78 rotações e o toca-disco apareceu com o braço engessado. O rádio despertador deu

para me acordar no meio da noite com notícias falsas:

- Marinha da Bolívia desiste de porta-aviões! Preço do armazenamento proibitivo!

E de-lhe "Granada".

Não posso entrar na cozinha. A batedeira quer me bater. Toda vez que abro o refrigerador é aquela gritaria lá dentro: "Olha a luz!". Tudo o que boto no forno, gela.

Tenho a sensação estranha de que a televisão está sempre me olhando. Não, eu não estou louco. Acho que fui escolhido como exemplo para a humanidade. Sou vítima de algum insondável esquema de vingança das máquinas. Há uma inteligência maligna por trás de tudo. As portas automáticas abrem para trás quando eu chego perto. Meu relógio digital dá a temperatura. No aeroporto, a saída de todos os vôos é anunciada pela voz da Marcia de Windsor. A do meu é pelo Rivelino! Claro que não embarquei. Aliás, não saio mais de casa. De medo pelo que possa acontecer na rua (as escadas rolantes disparam quando eu subo) e porque a fechadura da minha porta não funciona. Nem os trincos me obedecem mais. O cerco se fecha. Sentei nesta máquina para alertar o mundo e PARE.

Olha aí. Esse PARE não fui eu que escrevi. A máquina escreveu sozinha! Ela fez parte da conspiração. Até ela. Estou preso aqui dentro. Tentei telefonar, pedindo socorro.

- Quer me largar?

Não larguei. Disquei o número de um amigo. Novamente, a voz do Rivelino.

- Isto é uma gravação. Quando ouvir o sinal, desligue o telefone imediatamente.

CUIDADO

Outra vez, foi a máquina que escreveu sozinha! O que é que vocês querem? O que é que vocês querem?!

NÃO FAÇA PERGUNTAS

Não. Não vou me entregar assim. Posso viver sem vocês. As máquinas não fazem falta. Tenho o meu próprio cérebro, não preciso do eletrônico. Posso escrever à mão, não preciso de máquina. Posso arrombar a porta a pontapé e sair para a rua. Pela escada. Vocês não me pegam! Eu v

Meu dedo acaa de ficar preso no teclado da máquina entre o e o. Quer me soltar? Está doendo. Eu prometo que não conto mais nada sobre ... Quer me soltar?

TARDE DE MAIS

Como, tarde? O que é que vai acontecer comigo?

OLHE ATRÁS

Meu Deus. Minha lâmpada de pé está se aproximando. Pé ante pé. Não sei o que ela pretende. E não consigo soltar o dedo do teclado da máquina!

O BAILE DOS GRÃOS

João Roberto Vasconcelos

O armazém graneleiro estava todo preparado e havia recebido um sistema especial de iluminação para o grande acontecimento anual. Todas as mesas estavam reservadas, antecipando um retumbante sucesso.

Os primeiros a chegar foram o café e a aveia, que ficaram numa mesa da pista. Em seguida foi chegando o resto da turma e por volta das onze e meia da noite, o conjunto "Comercializa-Som" abria o baile, tocando a valsa da safra.

Num canto do salão, por sinal o mais barulhento, um grupo de amigos demonstrava muita alegria, destacando-se a colza, uma linda garota que prometia muito para o futuro e debutava na sociedade. Estavam nessa turma a ervilha, o trigo, o milho, o sorgo, o avevém, o cornichão, a cevada e o trevo.

Os garçons Pluviômetro e Secador serviam "Whiski Chuva's e Cocktail Irrigação". Para quem desejasse jantar, o prato do dia era adubo temperado ao inseticida.

De repente deu uma pequena confusão na porta, mas tudo foi resolvido na hora. É que o Sagu foi barrado pelo porteiro Sabugo, que naturalmente não podia aceitar sua carteirinha de amido, onde não constava nem o carimbo da C.F.P.

O ponto alto da festa foi a entrada da Soja, vencedora do concurso mais-mais. Sua chegada ao salão foi muito aplaudida por todos os presentes e seu desfile aconteceu ao fundo musical da linda melodia "Chicago", uma música com notas altas e baixas, excelentemente executadas pelo conjunto "Comercializa-Som".

A rainha Soja foi alvo das maiores atenções, sendo saudada num brilhante improviso por Mister Kid Dólar, que falou também em nome de seu amigo Zé Cruzeiro, convidado de honra.



Numa homenagem especial à soberana da festa, houve uma apresentação especial de um grupo de danças, destacando-se os dançarinos girassol, araruta, pasto italiano, alfafa, linhaça e alpiste.

Quando terminou o show da dança, deu uma briga no salão, mas em seguida entrou em ação a turma-do-deixa disso. É que o feijão e o amendoim se desentenderam porque cada um dizia ser o mais forte. Separados, ainda se ouviu quando o esquentado amendoim gritou: "Te pego na saída, feijão".

Os cronistas sociais apontavam o feijão e o café como os mais salientes da noite. O feijão usava um chapéu mexicano e tentava falar espanhol, fazendo questão de ser chamado de "poroto". Por sua vez, o café só falava do seu enorme cartaz no exterior.

Foi um sucesso o baile dos grãos, que se prolongou até o amanhecer. A última música foi "Esperanças Mil" um sucesso da famosa novela "Te comprei"?

Nesse instante ainda dançavam o Centeio com a Lentilha e o Arroz com a Soja. No finalzinho do baile, o comentário geral de que a soja ainda continuaria reinando por muitos e muitos anos entre os grãos.

GERENTE BB MARACAJU VISITOU A COTRIJUI



Fazendo-se acompanhar da esposa e filhas, esteve em Ijuí para uma visita à COTRIJUI o sr. Raulph Arradi, que responde pela gerência do Banco do Brasil, agência de Maracaju, no Mato Grosso do Sul. Em um final de semana bastante

movimentado, a família Arradi percorreu o complexo da cooperativa e pôde conhecer Ijuí, a Colmeia do Trabalho. Ao final do programa, um almoço na Sociedade Recreativa Ijuí. Na foto, o visitante ladeado pelos anfitriões, Ruben Ilgenfritz da Silva e

Arnaldo Drews, respectivamente, diretor-presidente e vice-presidente da COTRIJUI, além dos diretores Nelcy Nunes (Recursos Humanos), Osvaldo Meotti (Financeiro) e Aramis Batista, do Departamento de Crédito.



O capital social do Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A foi aumentado de Cr\$ 220 milhões para Cr\$ 850 milhões, conforme decisão da Assembléia Geral realizada em Brasília.

Ao demonstrar a importância e as vantagens das cooperativas integralizarem o capital - do qual participam com 46 por cento - o presi-

AUMENTOU CAPITAL SOCIAL

dente do BNCC disse que neste exercício os acionistas receberão 116 por cento em bonificações, isto considerando apenas as reservas acumuladas nos últimos três anos. Marcos Pessoa Duarte foi secundado pelo superintendente da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, José de Campos Melo. Ele considerou imprescindível a maior participação das cooperativas com vistas ao fortalecimento do banco, além de julgar oportuno que as entidades postulem junto ao Governo Federal a abertura de cooperativas de crédito. Para Campos Melo, é hora de o Brasil adotar o crédito cooperativo, ou seja, os recursos finan-

ceiros do cooperativismo girando no próprio sistema. Isso feito, o BNCC seria uma espécie de banco central das cooperativas, um órgão com contribuições de controle e fiscalização.

O RELATÓRIO DO BNCC

O Banco distribuiu aos acionistas o relatório das principais atividades desenvolvidas ao longo de 1977. Reconhecendo o período como economicamente difícil para o Brasil, a diretoria do BNCC renova a intenção de, no preenchimento de suas finalidades, fomentar o cooperativismo sob todas as formas, e não apenas mediante a ajuda financeira.

CUSTEIO DE PULVERIZAÇÃO

O Banco do Brasil poderá financiar os serviços realizados pela aviação agrícola, no combate às pragas das lavouras e outras atividades.

A informação foi transmitida ao delegado do Ministro da Agricultura, Cleber V. Canabarro Lucas, pela diretoria do Banco do Brasil, da 7a. Região.

O titular da Delegacia Federal de Agricultura havia diri-

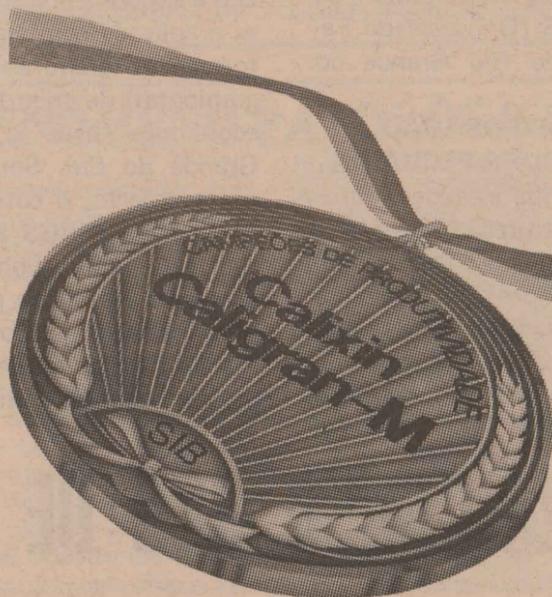
gido consulta ao Banco do Brasil, em face das dificuldades enfrentadas pelas empresas de aviação agrícola no que se refere ao recebimento de recursos provenientes de prestações de serviços especializados.

O Banco do Brasil, esclareceu que aquele estabelecimento de crédito permite o destaque de verbas nos orçamentos para a cobertura de

despesas desta natureza, observados os tetos estabelecidos.

A utilização da aviação agrícola, no Estado, vem crescendo extraordinariamente havendo, no momento, 29 empresas especializadas e cooperativas, totalizando 80 aviões agrícolas, sendo que 90 por cento dos aparelhos em uso são Ipanema, fabricados pela Embraer.

É hora de vencer as doenças do trigo com os campeões de produtividade.



Calixin Caligran-M

Produtividade e assistência garantidas pela tecnologia BASF.

® marca registrada BASF

Consulte já o seu agrônomo ou a BASF.

BASF Brasileira S.A.
Rua Marechal Floriano, 1896
Fone: 2970 - Santo Ângelo - RS
Rua Presidente Vargas, 649
Fone: 2-1128 - Cruz Alta - RS



Tecnologia BASF Impulso na produção agrícola. **BASF**

COTRIJUI E FUNDATEC MANTÉM CONVÊNIO

Com o convênio assinado recentemente entre a COTRIJUI e a Fundação Universidade-Empresa de Tecnologia e Ciências (FUNDATEC), foi formalizado um trabalho já em andamento no Departamento Técnico da cooperativa com a colaboração do Setor de Plantas Forrageiras do Departamento de Fitotecnia da Faculdade de Agronomia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

INTEGRAÇÃO LAVOURA-PECUÁRIA

Com essa denominação, Integração Lavoura — Pecuária no Planalto Médio Missões, o projeto terá como executores as partes já citadas, o que possibilitará fazer chegar à associa-

dos previamente selecionados, os conhecimentos e resultados de pesquisa já feita, só que agora junto ao Centro de Treinamento da COTRIJUI. Os objetivos desse problema podem ser divididos em duas partes básicas, quais sejam: experimentação com forrageiras e sistemas de produção.

A primeira parte inclui a experimentação básica e aplicada com espécies forrageiras (gramíneas e leguminosas) de importância econômica para o Rio Grande do Sul. Somente nesse aspecto, o convênio COTRIJUI/UFRGS abrangerá as seguintes linhas de pesquisa: estudo de pastagens naturais — ecologia, manejo e melhoramento de pastagens naturais; in-

rodução e melhoramento de plantas forrageiras — métodos e sistemas de implantação e estudos que visem orientar o manejo de plantas forrageiras; nutrição de plantas forrageiras — estudo de exigências nutritivas de espécies forrageiras; relações solo-planta e animal; conservação de forragem — fenação, silagem e desidratação; produção e tecnologia de sementes de forrageiras e sistemas de produção animal baseados em pastagens.

A segunda parte do projeto está baseada em informações já existentes, oriundas de experimentação, tanto local como de outros países. Vai testar sistemas de forrageamento, baseados principalmente em pastagens, na produção

leiteira e gado de corte, a nível de produtor.

Vão prestar sua colaboração no projeto já em realização, o Departamento de Solos da UFRGS, o Departamento de Zootecnia da mesma universidade e o Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório da Secretaria da Agricultura.

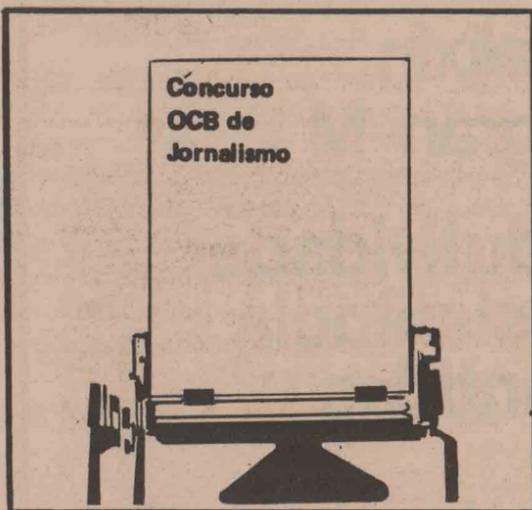
USO RACIONAL DO SOLO E ATIVIDADE DIVERSIFICADA

Com os sistemas de produção propostos no projeto, se procurará criar alternativas para um uso mais racional do solo e proporcionar diversidade de atividades agrícolas que possibilitem renda maior e melhor distribuída ao lon-

go do ano, a nível de propriedade rural.

A instabilidade climática do Rio Grande do Sul — conforme procura mostrar o projeto — interfere de forma marcante, principalmente, na cultura do trigo. Por essa razão os sistemas visam a criação de alternativas para o uso do solo, principalmente para o período de inverno. Embora a cultura da soja seja mais rentável e aparentemente mais estável, acredita-se que a rotação de culturas envolvendo espécies forrageiras perenes, tenha mais alta importância no controle à erosão e melhoria da fertilidade do solo, pela grande incorporação de matéria orgânica que algumas dessas espécies são capazes.

CONCURSO OCB DE JORNALISMO



O I Concurso OCB de Jornalismo, promovido pela Organização das Cooperativas Brasileiras — OCB, com sede em Brasília, DF., Ed. Baracat, sala 1.202, tel. 225-0275, tem por objetivo premiar trabalhos jornalísticos alusivos ao cooperativismo nacional ou a cooperativas brasileiras, sob qualquer aspecto, publicados no período compreendido entre 1º de julho e 31 de outubro de 1978, em jornais ou revistas com sede no país, excetuadas as de circulação interna de órgãos públicos, empresas ou entidades paraestatais e privadas.

Serão conferidos pela OCB 22 prêmios de cinco mil cruzeiros, um para cada Estado e Distrito Federal e o prêmio nacional de Cr\$ 70.000,00, totalizando Cr\$. 180.000,00. Poderão participar do concurso quaisquer profissionais de imprensa. O concurso terá duas fases, a primeira de âmbito estadual e a segunda de âmbito federal. Na primeira fase do concurso, a nível

de cada Estado e do Distrito Federal, o candidato só poderá concorrer com trabalhos que tiverem sido publicados em jornais ou revistas cujas sedes se localizem na respectiva unidade federativa. Na segunda fase do concurso, de âmbito nacional, a participação dos candidatos fica reservada exclusivamente aos que tiverem obtido o primeiro lugar nos Estados e Distrito Federal.

Os concorrentes entregarão seus trabalhos às Organizações das Cooperativas Estaduais ou do Distrito Federal, nas respectivas capitais, a partir do primeiro dia útil de novembro até 17 (dezessete) horas do dia 13 (treze) de novembro de 1978, não participando do concurso os trabalhos que, embora remetidos pelo Correio em tempo hábil, somente venham a ser recebidos pelas Organizações de Cooperativas depois de expirado o prazo.

As inscrições serão feitas perante as respectivas Organizações Estaduais ou do Distrito Federal, instruídas com os seguintes documentos: exemplar completo da edição em que circulou cada trabalho; oito vias originais de cada trabalho publicado; uma relação em duas vias, contendo as seguintes informações: nome do autor, endereço completo, inclusive telefone, CPF, número e órgão emissor da Carteira de Identidade, número do registro de jornalista ou de repórter fotográfico, nome do jornal ou revista e respectivo endereço, data da publicação.

No Rio Grande do Sul, maiores informações são obtidas na OCERGS, Andrade Neves, 106 — 2º andar, 90.000 — Porto Alegre.

COTRIFATOS SOMA NA IMPRENSA COOPERATIVA

No mês de maio último o Departamento de Comunicação e Educação da COTRISA — Cooperativa Tritícola Regional Santo Ângelo Ltda, fez chegar ao seu quadro social o primeiro número do Cotrifatos. Trata-se de um jornal mensal com tiragem inicial de 10 mil exemplares, e dirigido aos produtores associados da COTRISA, que passou a atuar também no Mato Grosso do Sul.

Impresso em off-set, em máquina rotativa do Diário Serrano de Cruz Alta, o Cotrifatos está sob a responsabilidade de Egon Hilario Musskopf, que há alguns anos vinha editando outro co-irmão, o jornal O ECO, da COTRIROSA. O surgimento do Cotrifatos enriquece a imprensa cooperativa gaúcha, sendo beneficiados diretamente os produtores que constituem a COTRISA, sem dúvida o objetivo maior dessa nova iniciativa da administração que tem à frente o sr. Jandyr Schau de Araújo.

PRÊMIO COTRIEXPORT DE JORNALISMO

Até o dia 31 de dezembro do corrente ano estão abertas inscrições para o "Prêmio de Jornalismo Cotriexport", que vai laurear as melhores reportagens publicadas nos órgãos de imprensa do Rio Grande do Sul e de outros Estados que tenham sucursal aqui instalada. Destina-se a jornalistas profissionais e tem como tema a produção, industrialização e comercialização interna e externa dos produtos da agropecuária do Estado gaúcho.

O patrocínio é da COTRIEXPORT S.A. e conta com a colaboração da Associação Riograndense de Imprensa, sendo que as inscrições devem ser feitas na sede desta última.

Para concorrer aos três prêmios — 1º lugar, uma viagem ao Exterior com roteiro a ser combinado com a Cotriexport e mais mil dólares de ajuda de custo; 2º lugar, Cr\$ 15 mil e uma viagem a uma das instalações da Cotrijuí; 3º lugar, Cr\$ 10 mil e uma viagem a uma das instalações da Cotrijuí — o trabalho deve ter sido publicado ou ser publicado no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1978.

Cooperativismo: TEMA DE ENCONTROS EM DOM PEDRITO



Vista parcial do plenário no encontro com estudantes (acima) e professores rurais, embaixo.

Com o objetivo de tornar mais conhecida a dinâmica cooperativista de Dom Pedrito, difundindo junto à comunidade sua filosofia e princípios, a COTRIJUI realizou dois importantes encontros, com a participação respectivamente de estudantes e professores.

Para o primeiro encontro, o setor de comunicação e educação da cooperativa contou com a colaboração da UESP — União dos Estudantes Pedritenses, que congrega alunos de primeiro e segundo graus. Durante dois dias, na sede da AABB local, o grupo aprofundou

seus conhecimentos sobre cooperativismo, alternando as técnicas de plenário e trabalhos em grupo.

Em seguida a esse, o setor de comunicação e educação contou com a colaboração da SUTEPE, UMIT e Coordenadoria do Ensino para a realização de outro encontro. Teve a participação de 78 professores da área rural de Dom Pedrito, muitos deles leigos e responsáveis por classes unidocentes. O objetivo central do encontro foi a discussão de aspectos relacionados ao treinamento técnico-pedagógico. Na abertura desse encontro, se registraram as presenças do

Prefeito Municipal, do comandante da guarnição militar, do presidente do Sindicato Rural, da supervisora do ensino e representantes do clero.

Para o bom andamento desse trabalho, e facilitando ao mesmo tempo a participação de associados, sucessivas reuniões estão previstas com pequenos grupos, por área de interesse e localização. O programa "Informativo COTRIJUI", levado ao ar dominicalmente pelas emissoras de Dom Pedrito, sempre divulga horário e local de encontros coordenados pelo setor de comunicação e educação.

OLHA A BANANA ...

O sr. Benno Schneider, agricultor associado da COTRIJUI, reside no Lajeado Bonito, município de Tenente Portela. Consciente de que o suporte do minifúndio está na diversificação de culturas, pelo menos para o sustento da família, não descuidou nem mesmo de suas bananeiras.

E na atenção que dispensa à produção, dia desses deparou com a curiosidade que a foto mostra: um cacho nascido junto ao caule. Raridade? Não, mas serviu de motivo para um bate-papo entre o Benno e o encarregado do setor de comunicação e educação da cooperativa, onde a palavra chave foi diversificação. E, também, co-



mo prova de que as bananas de Lajeado Bonito são apetitosas...

FENÔMENO PATOLÓGICO

Médicos veterinários asseguram que a ocorrência de casos como esse que ilustra a foto não são tão raros. Mas nem por isso o sr. Primo Ceratte, associado da COTRIJUI com propriedade no Arroio das Antas, deixou de ficar surpreso. Afinal, ao lado de seis filhotes normais e até hoje vivos, apareceu o exemplar da foto. Muito dado a contar "causos", Ceratte logo concluiu que os amigos não iriam acreditar na conversa do porco com uma cabeça, seis pernas e etc. Então, procurou o fotógrafo Darcy Spinatto que serve de testemunha. No final



de tudo, a opinião do suinocultor: "Criar porco defende um dinheirinho".

O dinheiro não está fácil para ser jogado no mato.

Na hora de comprar herbicida, é melhor perder um pouco de tempo comparando um a um, do que perder muitos cruzeiros depois. Milhares de agricultores já fizeram isso.

E acabaram preferindo Treflan, o mata-mato.

Vale a pena conhecer suas razões:

- Treflan é mais do que um herbicida, é um Sistema, o Sistema Treflan.
- Treflan nunca falhou.
- Treflan tem assistência técnica que não falha.
- Treflan tem a garantia do Controle de Qualidade Elanco.
- Treflan ou Treflan Combinado controla os matos de folhas estreitas e largas.
- Treflan é feito pela Elanco, com matéria-prima brasileira.
- Treflan tem experiência, faz o que diz há 13 anos.
- Treflan já está provado e comprovado.
- Treflan dá tranquilidade.
- Treflan e Elanco, produto e companhia que os Engenheiros Agrônomos podem recomendar.

Estas são as vantagens que você tem quando usa Treflan.

E isso é uma coisa que nenhum outro herbicida pode oferecer.

Como você pode ver, esta simples comparação não é só uma questão de ganhar dinheiro. É uma questão de ganhar tranquilidade.

Fale com o Engenheiro Agrônomo de sua cooperativa.

ELANCO

Treflan

Fabricante de Treflan, Coban, Hygromix, Perflan, Tylan e Trifluralina.

BATATA GIGANTE

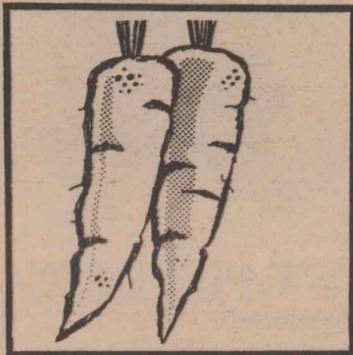
O associado Darci Della-Flora, residente na localidade de Cará, município de Tupanciretã, colheu a batata-doce que aparece na fotografia. Ela pesou oito quilos e 300 gramas, numa circunferência de 82 centímetros. Quanto a sua altura, basta comparar com a garrafa ao lado.



A LAVOURA NO MÊS



CENOURA — Neste período há maior incidência de inços de inverno, pelo que se deverá aplicar herbicida pós-emergente ou proceder a limpeza por meios mecânicos. O desbaste de plantas deve ser realizado deixando espaço suficiente para o bom desenvolvimento das raízes.



CEBOLA — Observar a limpeza da lavoura no sentido de cortar a competição inicial de planta com

inço. Neste sentido pode ser capinado ou aplicados os herbicidas Afalon ou Tenoram em pós-emergência. Recomenda-se a aplicação de nitrogênio na quantidade de 80 kg/ha de uréia em duas aplicações, sendo este fertilizante preferentemente incorporado.

Acompanhar o aspecto sanitário da lavoura, principalmente na incidência de Alternária (ponta branca), que pode ser controlada com fungicidas sistêmicos, Cobre ou Maneb. Qualquer inseticida ou fungicida aplicado em cebola, como também em alho, deve sempre conter adicionado espalhante adesivo para ser eficiente.



BATATA — Aqueles associados que quiserem cultivar batata deverão ter muita cautela na aquisição de batata-semente, devido a grande disseminação de Murcha bacteriana (murchadeira), a qual provoca contaminação muito grave no solo, prejudicando o cultivo em curso e os posteriores. A COTRIJUI está desenvolvendo um programa de produção de batata-semente, visando obter produto de melhor qualidade, porém estas sementes encontram-se em fase de multiplicação, pelo que somente a partir do próximo ano estarão à disposição dos associados.



ALFACE — Semear somente as variedades adaptadas ao frio, como a Maravilha de Inverno, Boston Branca, Grandes Lagos, Rainha de Maio. O transplante é recomendado, efetuando-se primeiro a semeadura em sementeiras para transplantar aos 30 dias, aproximadamente. A semeadura direta no canteiro definitivo não é recomendável no inverno, por propiciar desenvolvimento lento nas plantas.



ALHO — É recomendável a aplicação de nitrogênio, usando uréia na razão de 100 kg por hectare, podendo ser fracionado em duas aplicações. É importante lembrar que as aplicações tardias prejudi-

cam a conservação dos bulbos. As lavouras devem estar sob permanente observação, principalmente para controle de "podridão branca", que se manifesta por amarelecimento das pontas da planta, com posterior morte da planta ou grandes perdas no produto armazenado.

A primeira medida a tomar é o arrancamento das plantas que apresentarem estes sintomas. Caso a incidência seja significativa, deve ser imediatamente comunicado ao Departamento Técnico da COTRIJUI. A aplicação de Boro na forma borax em torno de 15 kg/ha deve também ser realizado neste período.



HORTALIÇAS

SEMENTES:
A COTRIJUI dispõe de completa linha de sementes de hortaliças.

DEFENSIVOS:
Use produtos químicos adequados para hortaliças, para manter a alta qualidade da produção. Informe-se no Departamento Técnico sobre os produtos recomendados.

DUAL[®] MIX

O fim das ervas daninhas na Soja!

Informe-se nos órgãos de extensão rural, com o agrônomo da sua cooperativa ou no seu revendedor agrícola.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

EROSÃO DO SOLO

*Alberto Parenti Filho.

Quando o solo do qual se retira as colheitas de soja, milho, feijão, arroz, trigo, cevada etc. começa a ser arrastado nas enxurradas, pouco a pouco perde o valor e a fertilidade. As colheitas começam a diminuir e o seu lucro vai minguando até desaparecer. Todo o terreno que não é conservado tem o mesmo fim. Produz bem nos primeiros anos, os lucros são bons, mas depois se enfraquece e começam os prejuízos. Antes que isto aconteça, antes que o solo se perca para sempre, medidas devem ser tomadas para evitar maiores prejuízos com a erosão.

Fotos: Gil Pinheiro



Não deixe que isso aconteça em suas terras, pois a sustentação da sua produtividade depende do manejo adequado do solo.

A chuva ao cair num terreno sem proteção, arrasta o solo rico da superfície e abre no chão sulcos que se transformam em voçorocas. Desaparece então toda a riqueza da terra.

Você, agricultor, não deve deixar seu terreno sem proteção, não deve deixar seu solo se perder na água das chuvas. Deve protegê-lo e conservá-lo, não deixando que a sua propriedade fique esburacada e cheia de voçorocas, com sulcos profundos por todos os lados. Senão nada de bom poderá esperar de sua terra, que perde o valor.

Nenhuma terra enfraquecida, lavrada, esburacada pela erosão, pode dar colheita que cubra as despesas.

Nem sempre você vê que está perdendo o solo de sua propriedade. Às vezes, não repara que a área que você planta já perdeu muito solo nas águas da chuva. Há um tipo de erosão que arrasta o solo sem que você note, que corta a parte mais rica do solo. Este é o pior tipo de erosão. É chamado "erosão laminar" porque corta o solo em lamina, em camadas finas, deixando no chão apenas a parte inferior do solo, menos fértil, menos valiosa.

A erosão laminar leva

para as baixadas, longe de você, o solo melhor, a terra que produz boas colheitas.

Para se perceber o estago que a erosão laminar causa, temos que esperar as colheitas. Quanto maior a erosão laminar do solo, menores as safras; quanto menos erosão laminar, maiores as safras.

O solo da mata não sofre nenhuma erosão, o mesmo não acontece com o solo de uma propriedade cultivada: o terreno sem proteção facilita o trabalho das chuvas pesadas.

Aguns agricultores protegem suas terras, outros não dão importância ao solo perdido pois não sabem e nem fazem idéia do que estão perdendo. Pensam que o solo não acaba nunca, que sempre dá boas colheitas, em qualquer tempo.

Quanta terra rica e boa você não perde numa só chuva! Quanta riqueza, quanta fertilidade a chuva não carrega pelas valas e sulcos abertos no terreno!

Ao aparecerem os primeiros sulcos no solo, de-

nomina-se "erosão em sulcos". Você deve logo tomar providências. Deve conservar o solo, antes que as chuvas venham causar maiores prejuízos ao terreno.

Conservar o solo é a coisa mais importante que você faz, pois está conservando para sempre a fonte do seu sustento e de toda a família. Pois se você não se importar, se você esperar que a própria natureza venha a fechar com o tempo as valas que abriu, em pouco tempo não lhe sobrá espaço algum para plantar, quanto menos para viver com sua família.

Sua propriedade se transforma numa imensa buraqueira, impossível de ser cultivada. E você, se é dono da terra, tem que vendê-la. Mas a que preço! Ninguém quer comprar terras erodidas e estragadas pela erosão.

Todos esses males podem ser evitados, desde que você se proponha a conservar o solo. O caminho mais indicado é procurar alguém que o ensine ou

ajude a fazê-lo.

*Alberto Parenti Filho

eng^o agr^o da COTRIJUI
Dept. Técnico.

Adubos Trevo. O braço direito da nossa agricultura.

Pioneira em fabricação de fertilizantes e corretivos do solo, a Trevo é, hoje, a grande fábrica do país, neste setor agrícola, investindo, constantemente, em avançados métodos tecnológicos de produção. Com seus fertilizantes, atua no Rio Grande do Sul, com fábrica em Porto Alegre e no Superporto de Rio Grande, onde seu terminal marítimo próprio tem capacidade de produção para 670 mil toneladas anuais de Superfosfatos, DAP e NPK granulado composto. No Paraná, com fábrica em Paranaguá. E em São Paulo, com fábrica em Cubatão. Já na área de corretivos, atua através de suas indústrias de calcário em Bagé e Pantano Grande. Todas estas unidades industriais dão cobertura completa aos estados do Centro e Sul do País, alcançando, assim, uma produção superior a 20% da demanda nacional. Com isto, as Indústrias Luchsinger Madörin S/A, fabricantes de Adubos Trevo, podem dizer de cima do seu meio século de vida em favor da agricultura, que conhecem como ninguém cada canto deste país. Palma por palma.

ADUBOS  TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.
Escritório Central - Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone: 25-5455 - P. Alegre - RS



OS ADUBOS FOLIARES SÃO ANTIECONÔMICOS



Com este título, "os adubos foliares são antieconômicos", recebemos o trabalho a seguir, de autoria do engenheiro agrônomo Roque Gilberto A. Tomasini, do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo – EMBRAPA de Passo Fundo. Como se trata de um trabalho fruto da pesquisa, e sendo o objetivo principal da pesquisa agrícola gerar a melhor tecnologia economicamente viável para o agricultor, transferimos aos leitores a opinião de um técnico sobre a adubação foliar.

A utilização de adubos foliares em trigo deve-se fundamentalmente mais à agressivi-

dade comercial das empresas produtoras ou revendedoras, do que propriamente a resulta-

dos de pesquisa oficial realizada nas regiões produtoras de trigo do Rio Grande do Sul,

Tabela 1 – Efeito de fertilizantes foliares sobre o rendimento de grãos de trigo. 1975 e 1976
CNPTRIGO – EMBRAPA

Adubos foliares (N-P-K)	Nome comercial	RENDIMENTO				Rendimento médio kg/ha
		1975		1976		
		Kg/ha	PH	kg/ha	PH	
32-0-0	Nutrion	1480	(71)	1687	(77)	1584
15-30-15	Plant Prod	1556	(71)	1680	(77)	1618
10-20-10	Envy	1535	(71)	1665	(77)	1600
9-9-7	Wuxal	1533	(72)	1692	(77)	1612
Testemunha (água)		1510	(73)	1698	(77)	1604
Média de rendimento dos adubos foliares		1526		1681		1603

Fonte: CNPTRIGO – EMBRAPA

Tabela 2 – Análise comparativa da rentabilidade média por hectare dos adubos foliares, em 1975 e 1976.

Tratamento	Rendimento e PH kg/ha		Rendimento médio kg/ha	Aplicação média de fertilizante foliar l/ha	Prejuízo por hectare Cr\$
	1975	1976			
Testemunha	1510	1698	1604		
(PH)	(73)	(77)			
Adubo foliar	1526	1681	1603	12	-225,50
(PH)	(71)	(77)			

Fonte: CNPTRIGO – EMBRAPA

Santa Catarina e sul do Paraná.

Com o objetivo de verificar a viabilidade técnica e econômica dos adubos foliares em trigo, foram realizados em 1975 e 1976 experimentos no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo em Passo Fundo. Os quatro fertilizantes foliares, testados no CNPTRIGO – EMBRAPA, foram aplicados em 3 combinações de estádios de desenvolvimento do trigo (IAS 54): 1) pulverização aplicada no perfilhamento + emborrachamento; 2) perfilhamento + emborrachamento + florescimento; 3) perfilhamento + emborrachamento + florescimento + início de formação de grãos.

Uma vez que não houve diferenças de rendimento significativas entre os quatro tipos de adubos foliares, nem entre as épocas de aplicação, utilizou-se, para fins de análise econômica, a média do rendimento de todos os adubos foliares testados em todas as épocas de aplicação. Na Tabela 1 se verifica que nenhum produto apresentou aumento de produção (kg/ha) em rela-

ção às testemunhas de 1975 a 1976.

Para calcular o custo dos tratamentos utilizou-se o preço do produto mais barato, na quantidade média aplicada em todos os tratamentos.

A análise comparativa da rentabilidade média (1975 e 1976) por hectare, da média dos quatro tipos de fertilizantes foliares, testados em três épocas de aplicação, indica um prejuízo de Cr\$ 225,50 (preço de 1976) ou seja, o valor de aproximadamente 2,0 sacos de prejuízo por hectare (Tabela 2).

Diante dos dados e para as condições em que foram conduzidos os experimentos pode-se concluir que: os adubos foliares testados, que representam importante parcela dos produtos comerciais vendidos para o trigo no sul do Brasil, são antieconômicos. Os órgãos de extensão rural, públicos ou de cooperativas, devem orientar os tricultores no sentido de não usar adubos foliares, evitando assim uma elevação desnecessária no custo de produção do trigo.

Agora é nossa

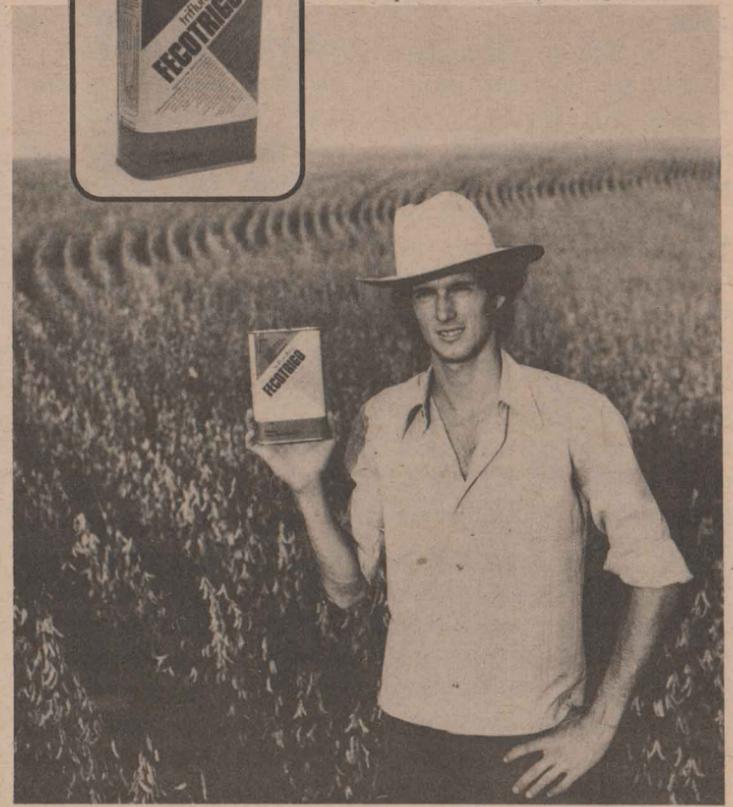
Trifluralina FECOTRIGO, o herbicida do agricultor



Quem cultiva uma lavoura como esta é capaz de produzir o seu próprio herbicida



Fabricado por – Indústria de Defensivos Agrícolas S/A



COMPRA DE VACAS: É PRECISO MUITO CUIDADO

*Otaliz de Vargas Montardo.

A pecuária leiteira está entrando numa nova fase nesta região. A Usina Central da CCGL já está quase pronta e a cada dia cresce o número de produtores que se propõem a investir neste ramo de exploração, com o objetivo de aumentar seus índices de produtividade. É tempo de se implantar forrageiras, construir cercas, melhorar as instalações e comprar animais. No entanto, neste particular - compra de bovinos - é preciso ter muito cuidado com o fim de evitar que negócios precipitados venham causar prejuízos aos produtores. Neste artigo pretendemos esclarecer alguns aspectos importantes que devem ser considerados pelos compradores antes da realização de negócios relativos a aquisição de bovinos.

REQUISITOS ZOOTÉCNICOS

Idade dos Animais a Serem Comprados - Em princípio a compra de novilhas em gestação (prenhes) parece ser o melhor negócio, por várias razões. Em primeiro lugar pelo aspecto sanitário, pois se a novilha está em gestação podemos assegurar que se trata de um animal fértil e praticamente livre de doenças no aparelho reprodutor. Também serão mínimas as possibilidades de que o úbere esteja comprometido por enfermidade, especialmente a mastite, pois esta, na maioria absoluta dos casos é uma decorrência da ordenha e se o animal ainda não pariu, obviamente nunca foi ordenhada. Outra vantagem em adquirir animais desta categoria é que, além do preço de compra, geralmente ser inferior ao de uma vaca adulta, podemos obter um maior número de lactações do que teríamos de um animal de mais idade.

A compra de novilhas teria como única desvantagem o fato de transcorrer algum tempo antes de iniciar a fase produtiva. Por esta razão, aqueles produtores que estão realizando investimentos na propriedade e que precisam de retornos imediatos, deverão comprar pelo menos alguns animais já em lactação. Nestes casos, os compradores deverão ser extremamente cautelosos, a fim de não serem iludidos

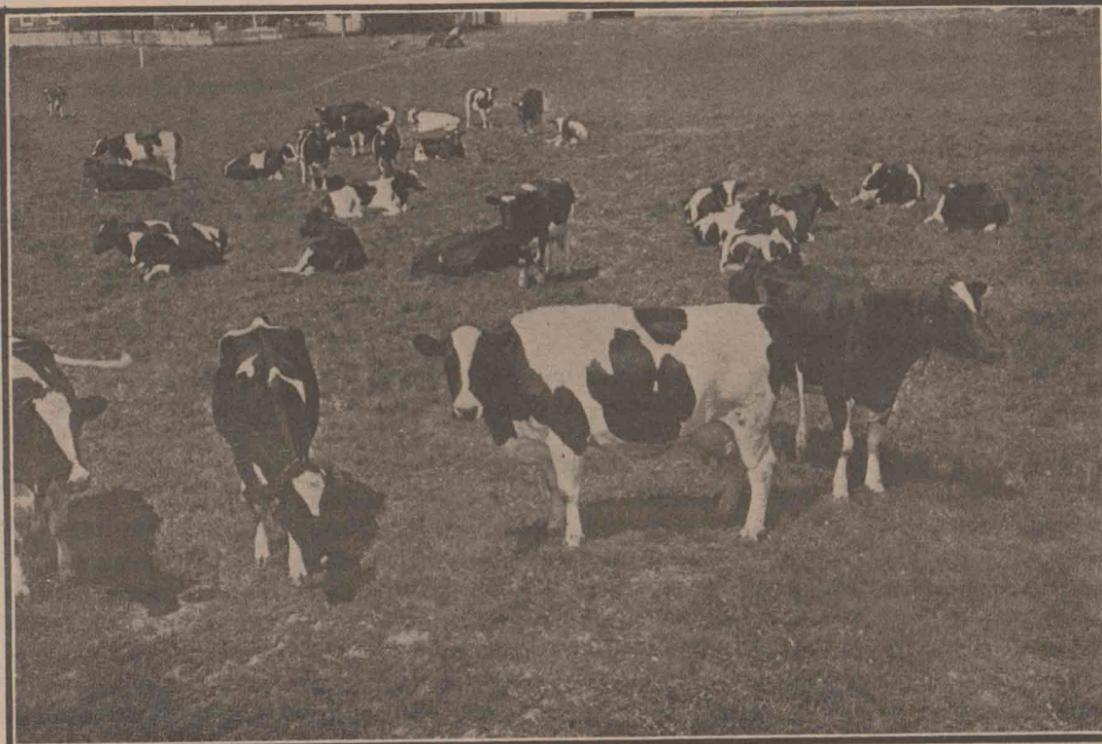
e adquirir animais que poderão não corresponder economicamente. Os aspectos descritos a seguir deverão ser cuidadosamente analisados antes da realização do negócio.

Capacidade Produtiva do Animal - Considerando que a vaca está em lactação, o comprador deverá assistir a uma ordenha e relacionar a quantidade de leite obtido com o estágio da lactação, a fim de avaliar a capacidade do animal. Na mesma oportunidade em que assiste a ordenha, deverá observar a conformação do úbere e o aspecto do leite para certificar-se de que o animal não é portador de mastite ou outra doença da glândula mamária.

Informação Sobre a Fertilidade do Animal - O comprador deverá informar-se sobre a data do último parto e relacioná-la com a situação atual do animal. Se o animal está há mais de três meses em lactação e ainda "não pegou cria", devemos suspeitar da sua capacidade reprodutiva. Por outro lado, se o vendedor assegura que o animal está em gestação, o comprador deverá exigir um atestado de (prenhes) fornecido por um médico-veterinário, pois esse profissional tem condições de diagnosticar a gestação já na fase inicial.

Idade da Vaca - É outro aspecto muito importante que deve ser analisado pelo comprador. É evidente que quanto mais velho for o animal, menor será o seu valor. Será interessante estimar-se o número de lactações que poderemos obter do animal a ser comprado e relacionar esse número com o preço do mesmo. A idade do animal poderá ser calculada pelo exame dos dentes. Se o animal é registrado, poderemos obter essa informação através do respectivo registro.

O Grau de Pureza Racial - Neste particular, o comprador deve verificar se o animal a ser adquirido apresenta pelo menos as principais características da raça desejada. Parece-nos ser mais interessante a aquisição de animais puros por cruzamento (neste caso exigir o respectivo registro). A compra de animais



Puros de Origem é, pelo menos no estágio atual, desaconselhável, em razão de seus preços elevados. Insistimos em que o grau de pureza racial precisa ser comprovado pelos respectivos registros da Associação de Criadores da Raça. A falta desses documentos deve ser considerado suspeita e mesmo a alegação de que os registros estão em tramitação não deve ser considerada sem reservas, pois nestes casos a Associação de Criadores emite um atestado provisório.

Vacas adultas, vazias e secas jamais devem ser compradas, porque se esses animais não estão produzindo leite é porque, quase com certeza, o último parto ocorreu há muitos meses e se ainda não está em gestação, devemos suspeitar de problemas reprodutivos.

REQUISITOS SANITÁRIOS

Algumas enfermidades como a Brucelose e a Tuberculose, que causam grandes prejuízos a exploração leiteira, normalmente cursam de forma "silenciosa", isto é, sem a manifestação de sintomas clínicos evidentes. Por esta razão, com certa frequência, animais brucélicos ou tuberculosos são negociados por elementos inescrupulosos e somente alguns meses depois é que o comprador vai se certificar de que investiu em animais enfermos. Felizmente hoje já dispomos de recursos técnicos que nos possibilitam diagnosticar precocemente essas doenças com relativa facilidade. Para tanto, basta que os vendedores solicitem os exames a um médico veterinário. Por medida de segurança, os produtores que se propõem comprar animais para exploração leiteira deverão exigir sempre que os vendedores apresentem os seguintes documentos sanitários: atestado negativo para Brucelose, atestado negativo para Tuberculose e atestado de vacina contra a Febre Aftosa.

Alertamos aos produtores para o fato de que, apesar da Brucelose e da Tuberculose não apresentarem grande incidência nesta zona, em outras regiões do Estado são extremamente comuns. Isto significa que ao adquirirmos animais de zonas infectadas poderemos estar "comprando" essas enfermidades. Por esta razão, o comprador deve exigir sempre os respectivos atestados.

ANIMAIS PROCEDENTES DO URUGUAI

Na condição atual do mercado de bovinos leiteiros, a compra de animais importados do Uruguai tem se apresentado como uma alternativa economicamente viável, pois de um modo geral os preços são mais baixos que os dos animais brasileiros. No entanto, há um grave problema que precisa ser considerado com extremo cuidado pelos eventuais compradores - a tristeza parasitária (Piroplasmose e Anaplasmose), normalmente fatal para os bovinos procedentes do Uruguai. Essas doenças são causadas por micro-organismos que são inoculados na corrente sanguínea dos bovinos pelos carrapatos. Ocorre que no Uruguai a incidência do carrapato é mínima ou praticamente nula. Por esta razão os bovinos desse país, de um modo geral, se criam sem contato com o carrapato e conseqüentemente não desenvolvem resistência contra a tristeza parasitária. Ao chegarem ao Brasil e serem infestados por carrapatos, os bovinos contraem a enfermidade e quase que invariavelmente, morrem. Existe no entanto uma solução técnica para esse problema - a pré-municação, que consiste em injetar doses controladas de Piroplasma e Anoplasmas nos bovinos importados. Este é um trabalho

técnico que somente deverá ser realizado por profissionais experientes. Um bom trabalho de pré-municação não deve durar menos do que 3 meses. Por esta razão, os eventuais compradores de animais uruguaios deverão cuidar dos seguintes aspectos:

- Não adquirir bovinos recentemente importados do Uruguai. Um período de permanência no Brasil nunca inferior a seis meses deve ser exigido pelos compradores. Para participação nas feiras oficializadas é exigido um período de nove meses de permanência no Brasil. A data de entrada no Brasil pode ser confirmada através da guia de importação que deverá ser exigido sempre pelo comprador.

- O comprador deverá informar-se sobre o trabalho de pré-municação, procurando saber quando, onde, por quem foi feita e qual o período de tempo em que foi realizado esse trabalho. Deverá ser exigido um atestado de pré-municação emitido pelo médico-veterinário responsável.

- Uma medida interessante seria ajustar com o vendedor uma garantia contra a tristeza parasitária que consistiria na substituição imediata do animal comprado, caso o mesmo viesse a morrer vítima dessa doença. O diagnóstico seguro poderá ser feito pelo Instituto de Pesquisas Veterinárias de Ijuí.

- Exigir os demais atestados sanitários mencionados anteriormente.

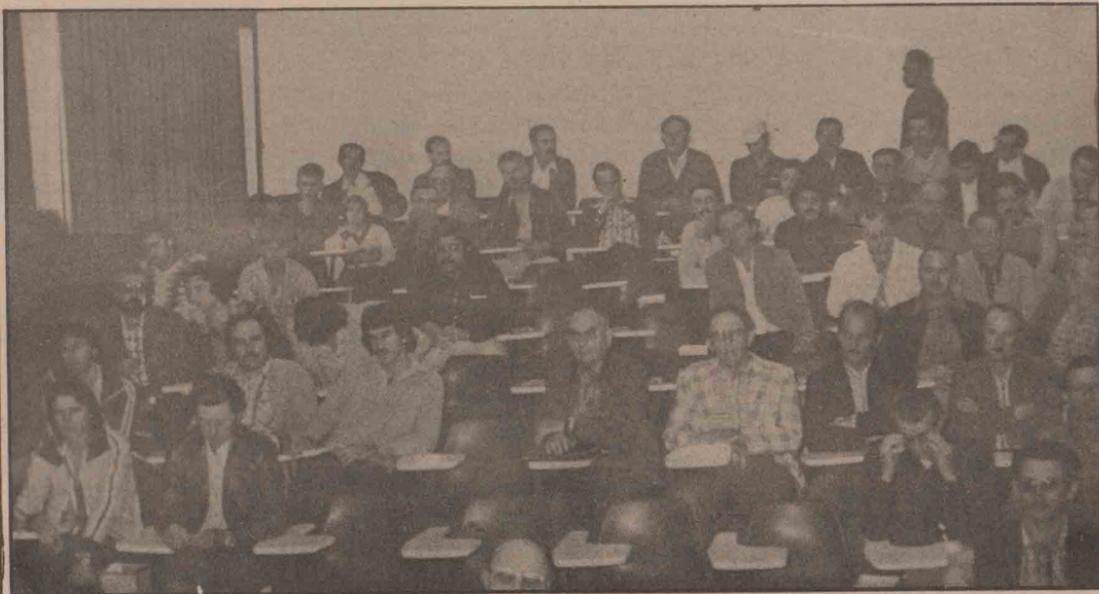
Para finalizar, gostaríamos de salientar que apesar de todas estas exigências virem retardar um pouco a realização dos negócios, nunca se deverá abrir mão das mesmas, pois elas representam uma margem de segurança para o comprador.

*Otaliz de Vargas Montardo
é méd. veterinário do
Dept. Técnico da COTRIJUI

RENOVADO CONVÊNIO COTRIJUI/UNIMED



Associados e direção da COTRIJUI . . .



. . . optaram pela renovação do convênio.

Depois de ouvir o quadro social através de uma série de reuniões de núcleos e mais recentemente em dois encontros que contaram, respectivamente, com a participação de pequenos e grandes produtores, a COTRIJUI re-

novou o convênio que mantém com a UNIMED— Sociedade Cooperativa de Serviços Médicos Ltda. Com isso, o Plano Cooperativo de Saúde terá vigência por mais um período, ou seja, de 1º do corrente até 30 de junho de 1979.

AS MODIFICAÇÕES HAVIDAS — ASSOCIADO DEVE ESCOLHER

O convênio oferece duas alternativas, segundo demonstramos nas tabelas à seguir, devendo o mutuário optar por uma delas.

ALTERNATIVA UM (SEM DENTISTA)	ALTERNATIVA DOIS (COM DENTISTA)
Custo — Cr\$/ por mês	Custo — Cr\$/ por mês
Associado solteiro 125,00	Associado solteiro 145,00
Ass. com 1 dependente 250,00	Ass. com 1 dependente 290,00
Ass. com 2 dependentes 369,00	Ass. com 2 dependentes 429,00
Ass. com 3 dependentes 488,00	Ass. com 3 dependentes 568,00
Ass. com 4 dependentes 605,00	Ass. com 4 dependentes 705,00

Observação: Para número superior a quatro dependentes, o custo será de Cr\$120,00 (sem dentista) e de Cr\$ 140,00 (com dentista) por dependente.

Vale dizer que tanto os que optarem pela alternativa um, como os que escolherem a dois, terão cobertura de seguro de vida em grupo e acidentes pessoais. No caso, o titular terá garantidas as seguintes indenizações: morte natural, Cr\$ 15.000,00; morte acidental, Cr\$ 30.000,00 e invalidez por acidente, Cr\$. 15.000,00.

A COTRIJUI e a UNIMED estão distribuindo o folheto explicativo do Plano Cooperativo de Saúde, semelhante aos que foram distribuídos nos anos anteriores. No folheto, os usuários encontrarão mais uma vez a relação dos médicos credenciados para prestação de serviços e suas respectivas especialidades; a região de abrangência do convênio bem como relação e endereços dos hospitais incluídos.

PARTICIPAÇÃO NAS CONSULTAS E NOS EXAMES LABORATORIAIS

Como nos anos anteriores, o mutuário do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI/UNIMED, continuará tendo uma participação nos custos dos serviços médicos, laboratoriais e odontológicos.

— O empregado rural e o empregado da COTRIJUI, classificados com a letra "A", pagarão Cr\$ 20,00 por ocasião de consulta médica e contribuirão com 10 por cento dos custos de exames laboratoriais e Raios x;

— O pequeno produ-

tor rural, classificado com a letra "B", pagará Cr\$. . . 40,00 por consulta. Nos exames de laboratório e radiológicos complementar com 30 por cento dos custos;

— O empresário rural classificado com a letra "C", terá uma participação de Cr\$ 80,00 por consulta e de 50 por cento nos custos de exames de análises clínicas e radiológicos.

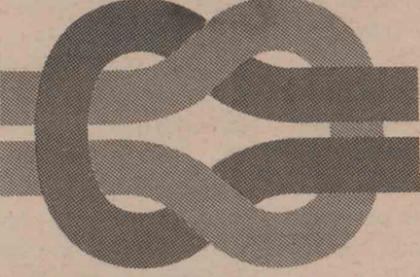
Por ocasião da consulta ao dentista, o usuário pagará Cr\$ 20,00. Referido pagamento deverá ser feito mediante recibo emitido pela COTRIJUI (D.A. M.S.) ou pelo dentista credenciado.

Saliente-se que o dr. João Craidy, conhecido médico ijuiense, está à disposição dos associados para prestar qualquer esclarecimento sobre o Plano Cooperativo de Saúde, e mesmo para receber possíveis críticas dos usuários a respeito de atendimento. Estes registros podem ser feitos em livro especial à disposição no Departamento de Assistência Médica e Social da cooperativa, ou diretamente ao dr. João Craidy.

CARIMBE SUA CARTEIRA

Para dispor dos serviços do convênio, o associado terá que comparecer à unidade da COTRIJUI onde mantém sua conta corrente, a fim de optar por uma das alternativas (se com dentista ou não) e permitir que o funcionário responsável carimbe adequadamente a sua carteira.

**Mais que um grupo,
um ideal.**



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.